

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

PAULO RENATO VICARI

**A TRANSIÇÃO DO FUTEBOL DE SALÃO PARA O FUTSAL:
UM PERCURSO HISTÓRICO NO RIO GRANDE DO SUL**

**PORTO ALEGRE
2015**

PAULO RENATO VICARI

A TRANSIÇÃO DO FUTEBOL DE SALÃO PARA O FUTSAL:
UM PERCURSO HISTÓRICO NO RIO GRANDE DO SUL

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo

PORTO ALEGRE

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Vicari, Paulo Renato

A TRANSIÇÃO DO FUTEBOL DE SALÃO PARA O FUTSAL:
UM PERCURSO HISTÓRICO NO RIO GRANDE DO SUL / Paulo
Renato Vicari. -- 2015.
107 f.

Orientadora: Janice Mazo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Futsal. 2. Futebol de Salão. 3. História do
Esporte. I. Mazo, Janice, orient. II. Título.

Paulo Renato Vicari

**A TRANSIÇÃO DO FUTEBOL DE SALÃO PARA O FUTSAL:
UM PERCURSO HISTÓRICO NO RIO GRANDE DO SUL**

Conceito final:

Aprovado em.....de.....de.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabiano Bossle – UFRGS

Prof. Dr. Gerard Maurício Martins Fonseca – UCS

Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser - UFRGS

Orientadora – Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo - UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

Vicari, Paulo Renato
A TRANSIÇÃO DO FUTEBOL DE SALÃO PARA O FUTSAL:
UM PERCURSO HISTÓRICO NO RIO GRANDE DO SUL / Paulo
Renato Vicari. -- 2015.
107 f.

Orientadora: Janice Mazo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Futsal. 2. Futebol de Salão. 3. História do
Esporte. I. Mazo, Janice, orient. II. Título.

Dedico a minha família e amigos, pois foram uma base sólida para a construção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Toda e qualquer caminhada apresenta seus obstáculos e também surpresas agradáveis e nesta minha jornada não foi diferente. Quanto às dificuldades, digo que foram superadas e assumo integralmente a responsabilidade pelas limitações e faltas do trabalho.

Ao longo desta caminhada, obtive ajuda de muitos guias que fizeram a diferença a cada momento. Tanto que ao longo destes dois anos em conjunto com o mestrado consegui realizar outro curso de graduação, o bacharelado em Educação Física. Isto apenas foi possível devido a estas pessoas especiais. Então gostaria de citar algumas pessoas importantes para concluir esta etapa, além é claro de Deus, que proporcionou saúde e forças.

Minha família é uma grande benção e continuou sendo um apoio essencial neste ciclo. Agradeço a todos, mas especialmente à minha mãe, Bernadete, um exemplo de ser humano, minha inspiração diária. Também a meu pai, Olvides, à minha irmã, Ana, e à minha avó, Enedina. Minha avó que acabei me aproximando ainda mais neste ano, na tentativa de auxiliar em seus cuidados mudando-me para Osório. Todos os dias ouvi seu agradecimento, porém minha gratidão é ainda maior pelo o convívio e ensinamentos com sua experiência de 91 anos.

Um agradecimento muito especial direciono à minha orientadora professora doutora Janice Zarpellon Mazo. Com certeza as palavras não expressam minha gratidão por toda sua contribuição na minha trajetória. Além da parceria acadêmica em diferentes projetos, agradeço de coração as valiosas oportunidades e ensinamentos. Os méritos do trabalho são dela, pois acreditou em um jovem pesquisador e em seu humilde projeto. Mesmo conhecendo as dificuldades para desenvolvê-lo, confiou na pequena parcela que ele poderia trazer para os estudos da área. Agradeço também pela professora ser um exemplo pessoal e profissional.

Ao Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME), no qual qualifiquei de forma significativa minha formação e me proporcionou boas amizades. Entre estas, menciono a de Eduardo Carmona, um padrinho, alertando para pesquisar minha paixão, o esporte. Cito também os colegas Daniel Finco, Alice Assmann, Sergio Martini, Cecília Killp, Tiago Frosi, Ronaldo Dreissig, Fabiane Dorneles, Vanessa Lyra, Ester Liberato, Carolina Fernandes, Carolina Dias, além das também grandes amigas Josiana Ayala e Tuany Begossi.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por me proporcionar uma bolsa de pesquisa no qual ajudou muito nesta jornada. A Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), minha casa, onde concluí duas graduações e agora através do Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano o mestrado. Ao agradecer à escola e ao PPG estendo a todos os funcionários.

Aos professores doutores da banca de avaliação, Fabiano Bossle, Gerard Fonseca e Rogério Voser. Suas contribuições foram muito valiosas desde o processo de qualificação, tanto direcionando o estudo, quanto indicando fontes e contatos. Aproveito para fazer um agradecimento especial ao professor Rogério Voser pelo incentivo também nas graduações e estimular a paixão pela pedagogia. Certamente, a escolha do tema desde trabalho passa pela minha admiração que desenvolvi por ele.

A todos os meus professores desde o infantil, fundamental, médio, superior e na pós-graduação. Não irei citar nomes, pois não quero cometer a injustiça de esquecer algum, mas tenham convicção que contribuíram de alguma forma. Direi que uma contribuição tão forte que escolhi o caminho de lecionar.

Às instituições que me auxiliaram na pesquisa, como a Federação Gaúcha de Futebol de Salão, as Associações Cristãs de Moços de Porto Alegre e Montevidéu, a biblioteca Edgar Sperb da ESEF/UFRGS, Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. Além dos entrevistados: Carlos Renato Lopes (Camarão), Danilo Monteiro Martins, Eduardo Valdez Basso (Morruga), José Antônio Rech (Cocão), Laerte Nunes Pinheiro, Léo Fraga, Luis Fernando Ortiz, Paulo Afonso Veeck, Paraguassú de Figueiredo, Tulio Casapiccola .

Aos meus amigos, dos quais cito alguns mais próximos nestes meses como, Arthur Antonioli, Eduardo Machado, Pablo Morales, Ranielly Gomes, Vinicius Jobim, Rodrigo Hoffmann, Rodrigo Carlet, Guilherme Sassi, Mateus Kunzler, Paulo Felipe Bandeira, Filipe Führer, Bianca Maccari, Guilherme Caporal, Marcos Pereira, Tágli Henrique, Antônio Cruz, Maurício Burzlaff, Maitê Venuto, Priscila Morales, Rafaela Bertoldi, Victor Previdi, Marcelo Gava e Karina Camargo. Um agradecimento especial ao querido primo Bruno Araújo e meu irmão do coração William Girardi.

Aos meus alunos de todos os projetos e etapas, desde o estágio no ensino infantil até o estágio docente no mestrado, também aos atletas das diferentes fases.

A todos, o meu profundo agradecimento.

“A persistência é o menor caminho do êxito.”

Charles Chaplin

RESUMO

O estudo se propõe a investigar como se sucedeu a transição do futebol de salão para o futsal no Rio Grande do Sul, desde a implantação até o estabelecimento do esporte. A pesquisa histórico-documental foi realizada por meio da revisão bibliográfica, análise de documentos e de fontes orais. Foram realizadas 10 entrevistas com personagens do futsal no Rio Grande do Sul, que ocuparam distintos papéis ao longo das décadas de 1980 e 1990. Os entrevistados foram: dois árbitros, dois atletas, dois treinadores, dois dirigentes da Federação Gaúcha de Futebol de Salão (FGFS) e duas personalidades indicadas pela sua identificação e conhecimento a respeito do futsal. As fontes revelaram que em 1989 a Fédération Internationale de Football Association (FIFA) cria o futsal e, no ano seguinte, em 1990, a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) oficializa sua mudança da Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) para a FIFA. Esta mudança afeta o futsal no Rio Grande do Sul, que foi agregado à FGFS, entidade fundada em 1956. Ao analisar os documentos e depoimentos dos entrevistados, mesmo com algumas discordâncias, percebe-se que o futsal obteve uma maior atenção de patrocinadores e da imprensa, incluindo a televisão. Além disto, percebe-se que houve uma maior internacionalização da modalidade através da FIFA. Entretanto, neste processo algumas equipes acabaram encerrando suas atividades por não conseguirem se adequar às mudanças, o que também pode ter causado uma perda de identidade do esporte. Ao longo desta transição, outros dois aspectos observados foram a “espetacularização” das regras originais do futebol de salão e os interesses mercantis da FIFA no processo de criação do futsal.

Palavras-chave: Futsal. Futebol de Salão. História do Esporte. Clubes.

ABSTRACT

The study aims to investigate how it came the transition from indoor football to futsal in Rio Grande do Sul, from implementation to the establishment of the sport. The historical-documentary research was carried out through bibliographical review, document analysis and oral sources. Ten interviews were made with futsal characters in Rio Grande do Sul, who occupied several roles throughout the 1980s and 1990s. Two referees, two athletes, two coaches, two leaders of the Gaucho Federation of Futsal (FGFS) and two personalities indicated by the identification and knowledge of the futsal were interviewed. The sources revealed that in 1989 the Fédération Internationale de Football Association (FIFA) creates the futsal and, in the following year, in 1990, the Brazilian Confederation of Futsal (CBFS) makes official his move from the International Federation of Indoor Soccer (FIFUSA) to FIFA. This change affects the futsal in Rio Grande do Sul, which was added to FGFS, an organization founded in 1956. By analyzing the documents and testimony of respondents, despite some disagreements, it is possible to verify that futsal got more attention from the sponsors and from the media, including television. In addition, it is noticed that there was a greater internationalization of the sport through FIFA. However, in this process, some teams ended up closing their doors by not being able to follow the changes, which may also have caused a loss of identity of the sport. Throughout this transition, two other aspects observed were the "spectacularization" of the original rules of five-a-side football and the mercantile interests of FIFA in the process of futsal creation.

Keywords: Futsal. Indoor Football. History of Sport. Clubs.

RESUMEN

El estudio tiene como objetivo investigar cómo se produjo la transición de fútbol salón al fútbol sala en Río Grande do Sul, de aplicación a la creación de este deporte. La investigación histórico-documental se llevó a cabo a través de revisión bibliográfica, análisis de documentos y fuentes orales. Fueron conducidas 10 entrevistas con personajes del fútbol sala de Río Grande do Sul, los cuales ocuparon diversas funciones durante las décadas de 1980 y 1990. Los encuestados fueron dos árbitros, dos atletas, dos entrenadores, dos dirigentes de la Federación Gaucha de Fútbol Sala (FGF) y dos personalidades indicadas por la identificación y conocimiento del fútbol sala. Las fuentes revelaron que en 1989, la Internacional de Fútbol Asociación Federación (FIFA) crea el fútbol sala y, en el año siguiente, en 1990, la Confederación Brasileña de Fútbol Sala (CBFS) hace oficial su fichaje por la Federación Internacional de Fútbol Sala (FIFUSA) para la FIFA. Este cambio afecta al fútbol sala en Río Grande do Sul, que se añadió a FGFS, una organización fundada en el año 1956. Al analizar los documentos y testimonios de los participantes, a pesar de algunos desacuerdos, se puede darse cuenta que el fútbol sala adquiere más atención de los patrocinadores y de los medios de comunicación, incluso de la televisión. Además, se evidenció que hubo una mayor internacionalización del deporte a través de la FIFA. Sin embargo, en este período algunos equipos terminaron por cerrar sus puertas al no se adaptaren a los cambios, lo que también pueden haber causado una pérdida de identidad de este deporte. A lo largo de esta transición, otros dos aspectos fueron observados: la "espectacularización" del fútbol sala original y los intereses comerciales de las reglas de la FIFA en el proceso de creación de fútbol sala.

Palabras clave: Fútbol Sala. Fútbol Salón. Historia del Deporte. Clubes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Ilustração 1 - Quadro dos Entrevistados do Estudo.....	26
Ilustração 2- Ilustração 2 - Livro de Regras da FGFS.....	32
Ilustração 3 - Professor Juan Carlos Ceriani Gravier.....	34
Ilustração 4 - Capa da Revista <i>Technica</i> de Esportes e Atletismo, nº 6.....	38
Ilustração 5 – Fundação da Federação Gaúcha de Futebol de Salão.....	45
Ilustração 6 – Torneio Inaugural do Futebol de Salão em Porto Alegre.....	46
Ilustração 7 – Equipe do Grêmio Náutico Gaúcho Campeã do I Campeonato da Cidade de Porto Alegre.....	47
Ilustração 8 – Seleção Gaúcha de Futebol de Salão de 1977.....	50
Ilustração 9 – Uma das Primeiras Partidas de Futebol de Salão em Porto Alegre....	65
Ilustração 10 – Equipe do <i>Sport Club</i> Internacional disputando o Gre-Nal no Colégio Rosário na Década de 1980.....	75
Ilustração 11 – Propaganda do Tênis Oficial da Federação Gaúcha de Futebol de Salão.....	78
Ilustração 12 – Charge do Jornal Futsal.....	82
Ilustração 13 – Manchete do Jornal Futsal.....	84
Ilustração 14 – Dirigentes da FGFS Conversando com a Imprensa em 1956.....	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM – Associação Cristã de Moços

AMF - Asociación Mundial de Futsal

CBD- Confederação Brasileira de Desportos

CBF- Confederação Brasileira de Futebol

CBFS- Confederação Brasileira de Futebol de Salão

COI- Comité Olímpico Internacional

FGFS- Federação Gaúcha de Futebol de Salão

FIFA- Fédération Internationale de Football Association

FIFUSA- Federação Internacional de Futebol de Salão

PANAFUTSAL- Confederação Pan-Americana de Futsal

UEFS – União Europeia de Futebol de Salão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
4	FUTEBOL DE SALÃO: MODALIDADE PRECURSORA DO FUTSAL.....	30
5	O ADVENTO DO FUTSAL NO RIO GRANDE DO SUL.....	52
5.1	REGRAS ESPETACULARIZADAS.....	62
5.2	INDÍCIOS DA PROFISSIONALIZAÇÃO NO FUTSAL.....	72
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
	REFERÊNCIAS.....	92
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	96
	APÊNDICE B – CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PESQUISADOR.....	98
	APÊNCIDE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO.....	99
	APÊNDICE D – DECLARAÇÃO DO ENTREVISTADO.....	100
	APÊNDICE E – QUADRO DOS CAMPEÕES ESTADUAIS.....	101
	APÊNDICE F – QUADRO DOS PRESIDENTES DA FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL DE SALÃO	105

1 INTRODUÇÃO

O futsal, conforme dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2006, mas relativos ao cenário esportivo brasileiro de 2003, foi apontado como o segundo esporte mais promovido em eventos no Brasil, atrás apenas do futebol. Ainda, evidenciou-se que a maioria dos eventos de futsal ocorreu nas regiões centro-oeste e sul do país. Além disso, no ano de 2003, o IBGE constatou a existência de cerca de dez milhões de praticantes de futsal no país, dados que afirmaram como a modalidade mais praticada no Brasil.

As informações supracitadas revelam que o futsal, embora um esporte novo em relação a outras práticas esportivas, surgiu em 1989 a partir das regras do futebol de salão e do futebol de cinco (VOSER, 2003). A mesma teve uma rápida disseminação no Brasil. O futsal se desenvolveu em alguns estados brasileiros, como foi o caso do Rio Grande do Sul, onde se propagou para as cidades do interior estado. O estado sediou importantes eventos esportivos de futsal e teve conquistas significativas tanto por meio dos clubes quanto por sua seleção.

Embora tenha ocorrido o estabelecimento do futsal no cenário nacional, que inclusive ingressou como modalidade nos Jogos Pan-americanos de 2007 no Rio de Janeiro, até os dias atuais é confundido em alguns casos como o futebol de salão. Apesar de o futsal e o futebol de salão terem semelhanças, são esportes distintos com percursos históricos próprios. O futebol de salão é uma modalidade antecessora do futsal, marcando expressiva prática no Rio Grande do Sul durante os anos de 1940 e 1950, suscitando a fundação da Federação Gaúcha de Futebol de Salão em 1956 na cidade de Porto Alegre.

Com o passar dos anos e com a criação do futsal, a prática do futebol de salão manteve-se, mas sem tanta visibilidade quanto o futsal. Atualmente, estes esportes são gerenciados por instituições diferentes: o futebol de salão pela *Asociación Mundial de Futsal* (AMF) antiga Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) e o futsal pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), a mesma entidade que rege o futebol. O futsal alcançou representatividade nos jornais obtendo o *status* de segundo esporte mais praticado no Rio Grande do Sul, atrás somente do futebol (BRITO e BRUSCATO, 1995). Nos anos seguintes, as regras sofreram várias modificações até o esporte chegar ao formato hodierno.

Diante deste cenário, elegeu-se o seguinte problema de pesquisa: Como se sucedeu a transição do futebol de salão para o futsal no Rio Grande do Sul desde a implantação até o estabelecimento do esporte?

Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica, análise de documentos e de fontes orais. Foram realizadas 10 entrevistas com personagens do futsal no Rio Grande do Sul, que ocuparam distintos papéis ao longo das décadas de 1980 e 1990. Os entrevistados foram: dois árbitros, dois atletas, dois treinadores, dois dirigentes da Federação Gaúcha de Futebol de Salão (FGFS) e duas personalidades indicadas pela sua identificação e conhecimento a respeito do futsal.

Justifica-se o estudo, pois a revisão de literatura em bases de periódicos, bancos de trabalhos de conclusão de cursos, dissertações e teses, além de livros indicou a escassez de pesquisas acerca da história do futsal, tanto em nível regional quanto nacional. Para ilustrar essa situação, podemos citar o exemplo dos livros localizados na Biblioteca Edgar Sperb da Escola de Educação Física da UFRGS. Dos 36 títulos existentes na seção futsal/futebol de salão, poucos trazem algo relativo ao histórico das práticas. Do total de livros, podem-se elencar sete obras que apresentam alguma informação histórica, porém, praticamente todas de forma sucinta e superficial. Constatou-se que a maioria dos livros é exclusivamente voltada para as questões táticas, pedagógicas, técnicas e de regras dos esportes.

Esse retrato foi o mesmo observado nos artigos e trabalhos acadêmicos. Mais precisamente, foram encontrados apenas dois estudos contemplando a temática do futebol de salão do Rio Grande do Sul pelo viés histórico. Outro ponto que merece ser destacado para a realização da investigação é quanto à utilização de fontes documentais, pois este estudo contribui para a preservação e divulgação de fontes. A investigação também se mostra relevante por reconstruir as memórias de personagens do futebol de salão e do futsal no Rio Grande do Sul.

A dissertação foi organizada, além da Introdução (capítulo I), em outros quatro capítulos somados as Considerações Finais, as Referências e os Apêndices. O capítulo II trata do referencial teórico do estudo; o capítulo III apresenta os procedimentos metodológicos. Na sequência, são desenvolvidos dois capítulos que registram os resultados da pesquisa.

No primeiro destes capítulos, denominado “FUTEBOL DE SALÃO: MODALIDADE PERCUSSORA DO FUTSAL”, enfoca-se o futebol de salão, prática esportiva que antecedeu o futsal. Sendo nele apresentadas as informações desde a criação da prática até o seu desenvolvimento no Rio Grande do Sul.

O segundo capítulo de resultados, intitulado “O ADVENTO DO FUTSAL NO RIO GRANDE DO SUL”, concentra suas atenções ao futsal no Rio Grande do Sul. Nesta parte do trabalho, foi abordado o futsal no estado onde, no primeiro subcapítulo, os efeitos das mudanças de regras ao longo do processo de criação do futsal na comunidade salonista sul-rio-grandense e ainda no subcapítulo do mesmo são tratados aspectos relacionados à profissionalização no meio do futsal, envolvendo atuação da imprensa, de empresas e do espaço televisivo.

Por fim, são apresentadas as Considerações Finais do trabalho, suas Referências e os Apêndices.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo trata dos pressupostos que norteiam a construção dessa pesquisa. Por meio desta perspectiva, o estudo está dentro do que podemos definir como “campo historiográfico”. Cabe mencionar que a área dessa pesquisa trata-se da História do Esporte, campo esse interdisciplinar, pois apresenta elementos tanto da História quanto da Educação Física. Dessa forma, nesse capítulo, de modo breve, é exposto um panorama atual desse campo investigativo, além de situar suas origens e diferentes fases.

Então, a procura de explicar esse campo de pesquisa, Vamplew (2013) apresenta que a História do Esporte pode ser considerada como a memória esportiva de uma nação. Ela pode registrar uma recordação esportiva, mas também explicar por que algumas coisas mudaram enquanto outras continuaram iguais. Ainda a respeito dessa temática, o mesmo autor relata que a História trabalha com evidências que situam eventos e acontecimentos em seus devidos contextos, ajudando a esclarecer os elementos ao seu redor. Assim, a partir dessa concepção o estudo pretendeu identificar aspectos que marcaram o processo de transição do futebol de salão para o futsal no Rio Grande do Sul.

Por meio dessa breve explicação do que consiste a História do Esporte, considera-se relevante apresentar um pouco do percurso dessa temática tanto internacionalmente quanto no Brasil. Como Melo e Fortes (2010) descrevem em seu texto, ainda que existam iniciativas, o campo de investigação História do Esporte vem se consolidando desde os anos 1960 tendo se organizado pioneiramente na Europa e nos Estados Unidos. No ano de 1967, foi fundada a primeira sociedade internacional, o *International Comitee for History of Physical Education and Sport*. Em 1973, uma nova associação foi criada, a *International Association for History of Physical Education and Sport* (ISHPES), entidade que congrega pesquisadores de vários países e tem iniciativas como a realização de eventos científicos.

Ainda com relação ao campo de pesquisa da História do Esporte, é interessante salientar que esse é um terreno contestado por conta dos conflitos envolvendo a natureza e a validade das provas e da aplicação teórica. No entanto, vale considerar o crescente número de livros e revistas relacionados a essa temática. No Brasil, existe até periódico específico do tema, sendo esse a Revista “*Recorde*”, além dos espaços destinados a esse campo em eventos tanto da História

quanto da Educação Física e até congressos característicos ao tema, como o Congresso Brasileiro de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física (CHELEF) que completou sua XIII edição em 2014. Desse modo, percebe-se que esse volume de iniciativas de diferentes naturezas comprova que tanto no cenário internacional quanto no nacional, a História do Esporte parece estar consolidada, mesmo que ainda prossiga o desafio de construir uma legitimidade maior tanto na área da História quanto na da Educação Física, como também destacam Melo e Fortes (2010).

Após essas considerações, julga-se importante apresentar um pouco da trajetória desse campo de investigação no Brasil, de forma sucinta, também se baseando na proposta de Melo e Fortes (2010). Com base nesses autores, dividem-se em cinco fases os estudos relacionados à História do Esporte no país: a primeira engloba as pioneiras produções, publicadas na virada dos séculos XIX e XX; a segunda fase (décadas de 1920-1930) é marcada por uma preocupação maior com a História da Educação Física e da ginástica; a terceira fase (décadas de 1940-1980) é marcada pelo aumento da produção; a quarta fase (década de 1980) é marcada pela crítica e pelo anúncio de redimensionamento dos estudos anteriores, a partir fundamentalmente de uma inspiração teórica marxista; a quinta e atual fase (a partir da década de 1990), portanto, é marcada por uma maior sistematização e institucionalização dos estudos e pela configuração mais clara da História do Esporte como um campo de pesquisa.

A respeito desta área, é essencial entender alguns aspectos. Entre eles, como destaca Vamplew (2013): a relação que o passado exerce no presente e no futuro tendo em vista que, como o autor ressalta, se quisermos saber para onde o esporte vai, é interessante saber por onde esteve. Essa relação proporciona a base para prospectarmos o progresso e a mudança (ou falta deles).

Além disso, esse entendimento ajuda a apreciar a diferença entre tendência e flutuação e perceber que nem tudo tido como “importante” no mundo dos esportes tem influência permanente ou que tudo ligado ao esporte moderno é novo. Segundo o autor, realmente o esporte do passado moldou o esporte do presente, já que existe alguma herança nas regras, nos órgãos administrativos, nos estilos de jogadas, nas competições ou nos equipamentos. Esta perspectiva do autor se adequa perfeitamente para a proposta desse estudo. Em decorrência disso, se analisarmos as conexões do futebol de salão com o futebol de campo e depois a influência do

futebol de salão para a criação de uma nova prática muito similar – o futsal – logo, fica evidente essa relação de que nem tudo é “novo” como se pode vir a imaginar.

Outro desses aspectos que merece ser enfatizado é que o conhecimento histórico é sempre provisório. Tirando os “fatos esportivos” que mostram quem ganhou, onde e de quanto, não há verdades absolutas na história do esporte e até pode-se questionar se em lugar algum há. Historiadores tentam compreender o passado encontrando provas, interpretando-as e usando-as para chegar a conclusões plausíveis. Desta maneira, este estudo vai contar uma possível versão do processo de transição futebol de salão para o futsal no Rio Grande do Sul.

A partir dessa noção, certamente é relevante ter claro alguns elementos apontados por Booth (2005). Entre outros, ele sugere que todos os fatos são afirmações propostas sobre a natureza da realidade. Dessa forma, as fontes distorcem ou filtram a verdade e todas precisam de interpretação. Para tanto, ressalta-se a importância de ter um olhar crítico de desconfiança para questionar todas as fontes e confirmar tanto a sua autenticidade quanto a sua validade.

Nessa linha, Bacellar (2010) destaca que contextualizar o documento é fundamental, pois o mesmo foi escrito em um determinado tempo, em um outro contexto e por uma determinada pessoa que, ao escrever, leva consigo crenças, valores e opiniões para o “papel”. O mesmo autor também ressalta que é importante entender todo este contexto no qual o material foi escrito além de entender os significados e as expressões daquele determinado tempo para deixar sua interpretação mais fidedigna.

Sabe-se que nenhum documento é neutro e que todos são influenciados por algo. Pensando nisto, repete-se que o historiador/pesquisador deve ser crítico ao analisar suas fontes, não as tomando como verdades absolutas e questionando-as sempre que necessário. Isto também deve ser considerado para as entrevistas que, após serem transcritas igualmente, são consideradas documentos. Em vista disso, necessita-se desse olhar questionador perante todas as fontes.

A análise das informações coletadas será baseada em uma abordagem sociológica do esporte. Esta corrente sociológica, mesmo sendo recente, já está consolidada. Ela proporcionou uma reflexão quanto às mudanças do esporte moderno e conceitos que o envolve como “espetacularização” e “mercantilização”. Para isto, cabe explicar o conceito de “espetacularização”. Conforme Proni (1998), o termo esporte-espetáculo tem sido muito utilizado por autores que estudam o

esporte contemporâneo, mas em geral não há uma preocupação em defini-lo como um conceito analítico.

Antes de avançarmos em nossa investigação, convém explicitar o significado que atribuímos ao termo. A pergunta que se coloca é a seguinte: que características distinguem o esporte-espetáculo enquanto categoria de análise relevante para o entendimento do esporte contemporâneo. Inicialmente, pretende-se oferecer uma definição bastante genérica do termo, para na sequência confortarmos essa definição com as diferentes formas de organização do espetáculo esportivo. O estudo de Proni (1998) aponta provisoriamente que são três os traços mais elementares do que chamamos de esporte-espetáculo:

- 1) Referem-se a competições esportivas organizadas por ligas ou federações, que reúnem atletas submetidos a esquemas intensivos de treinamento (no caso de modalidades coletivas, a disputa envolve equipes formalmente constituídas);
- 2) Tais competições esportivas tornaram-se espetáculos veiculados e reportados pelos meios de comunicação de massa e são apreciadas no tempo de lazer do espectador (ou seja, satisfazem a um público ávido por disputas ou proezas atléticas); e
- 3) A espetacularização motivou a introdução de relações mercantis no campo esportivo, seja porque conduziu ao assalariamento dos atletas, seja em razão dos eventos esportivos apresentados como entretenimento de massa passarem a ser financiados (pelo menos em parte) através de comercialização do espetáculo. (PRONI, 1998, p.94).

Conceitualmente, segundo essa definição, o esporte-espetáculo claramente se opõe à ideia aristocrática de prática esportiva, que vê o esporte como atividade meramente recreativa, e se distancia da concepção burguesa clássica, que atribui ao esporte um compromisso explícito com o caráter educativo da competição regrada. Além do mais, não há uma preocupação especial com a posição social dos esportistas. Definida nesses termos, a espetacularização do esporte conduz ao desenvolvimento do profissionalismo de atletas e técnicos contribuindo para um progressivo distanciamento do ideário amador enquanto a massificação de algumas modalidades retira-lhes o caráter elitista. Importante deixar claro que este conceito

do esporte-espetáculo ultrapassa a questão de esporte amador x esporte profissional.

De acordo com o educador José Cagigal apud Proni (1998), foi a própria evolução do esporte de associativismo, o “esporte-prática” organizado em clubes, que conduziu ao surgimento de federações ou ligas esportivas dando uniformidade aos torneios. Posteriormente, as mesmas se transformariam em espetáculos populares. Surgiu, assim, uma segunda corrente no mundo esportivo, que pode ser bastante heterogênea, mas está voltada para uma mesma direção: o esporte-espetáculo, que pode ser ou não profissional, que pode ter alto ou menos nível, que pode ser objeto de manipulações políticas ou pode subsistir à margem delas, que pode buscar diretamente o exibicionismo ou obtê-lo como mera consequência.

Entretanto, todas estas formas estão direcionadas para o espetáculo com todos os condicionantes econômicos, comerciais e publicitários que isto acarreta. O grande esporte-espetáculo do nosso tempo tende a se retificar como gigantesco produto de consumo da sociedade de massa. A mercantilização seria esta comercialização do esporte, tratando o esporte como um produto.

Embora não sejam regras universais, a espetacularização e a mercantilização têm sido percebidas como traços dominantes na organização do esporte de alto nível. Nos países economicamente mais desenvolvidos, à medida que aumentavam os investimentos em ciências do esporte e que se desenvolvia uma sociedade de consumo de massa, o esporte-espetáculo passou a exigir um crescente nível de profissionalização.

Nas últimas décadas, mesmo as competições nominalmente ditas amadoras, ao serem veiculadas como espetáculo de massa, tenderam a certo grau de “profissionalismo” e de comercialização. Podemos facilmente constatar que, ao longo dos últimos cinquenta anos, pelo menos os determinantes centrais das mudanças na organização do esporte-espetáculo estiveram progressivamente associados a uma lógica mercantil.

Uma abordagem do esporte moderno foi assumida por Bordieu (1983;1990), para quem o esporte moderno, no nível das práticas e dos consumos, corresponde a “uma oferta destinada a encontrar uma certa demanda social”. Dessa forma, as relações entre oferta (novos esportes, novos equipamentos, por exemplo) e demanda (dada pelas transformações dos estilos de vida) explicariam as transformações das práticas e dos consumos esportivos.

Seria de todo conveniente agregar aos aspectos apontados no sentido de permitir uma melhor compreensão do esporte moderno, do papel da indústria do entretenimento e especialmente no que diz respeito à televisão. Este componente tem uma dimensão regional/cultural.

Outro aspecto que não deve ser ignorado neste processo vivido pelos esportes nos últimos cem anos é o seu deslocamento da área de saber articulada pelo lazer e tempo livre para aproximar-se do mundo do trabalho e da mercantilização (PRONI; LUCENA, 2002). Alguns dos elementos do esporte lhe são fornecidos pelo seu caráter de mercadoria e pelas características que estruturam a sociedade moderna ou a sociedade industrial (PRONI, 1998). É preciso analisar como as mudanças recentes na forma de organização da produção e comercialização de bens e serviços estão influenciando o esporte na chamada sociedade pós-industrial e, mais do que nunca, capitalista.

Estas concepções juntamente com base na teoria dos campos de Bordieu (1983) auxiliaram o olhar na análise das informações. A partir da teoria de Bordieu, compreender um conceito de que entre espaços com cronologia própria e uma história relativamente autônoma à esfera política e econômica, o campo esportivo é um deles. Como o trabalho de Souza (2010) destaca, na análise de Bourdieu, o campo esportivo a propósito dos demais campos também se trata de um espaço estruturado onde há dominantes e dominados que disputam os capitais específicos em jogo e buscam conservar as estruturas ou transformá-las.

Esta corrente sociológica do esporte certamente fornece um olhar interessante para com o esporte moderno. No caso do futsal, modalidade bastante recente, um campo da história chamado de “história do tempo presente” contribuiu para complementar o referencial teórico para este trabalho.

A produção recente de Delgado e Ferreira (2014) explica a respeito deste novo campo de investigação. Segundo as autoras, a história do tempo presente tem mobilizado um segmento expressivo da comunidade de historiadores no plano nacional e internacional. Insere-se em um movimento mais amplo de renovação historiográfica que trouxe consigo a revitalização da história política, a ampliação do uso de fontes, a valorização da interdisciplinaridade, um maior diálogo com as ciências sociais, a recusa de explicações deterministas e totalizantes, a valorização de atores individuais e coletivos e a relação dialética entre história e memória.

A escolha do tempo presente como temporalidade nuclear das pesquisas e análises é recente. Em decorrência disso, é fértil em suas possibilidades de construção de uma forma inovada de conhecimento histórico que pressupõe redimensionamento do campo da história, da construção de abordagens, das noções de especialidade, além de fértil construção de estratégias dialogais com diferentes áreas de conhecimento.

Essas são necessariamente questões complexas em suas múltiplas dimensões. Sugerem a necessidade de um esforço reflexivo crescente e aprofundado que, além do enfoque teórico, considere resultados de pesquisas, traduzidos em uma escrita da história que visita o passado recente das sociedades em uma dinâmica inter-relacional de temporalidades.

O que diferencia a história do tempo presente das temáticas históricas longitudinais é a proximidade dos historiadores em relação aos acontecimentos, pois são praticamente contemporâneos de seus objetos de estudo. Nesse sentido, as memórias sobre acontecimentos e processos são essenciais para a construção do conhecimento histórico. No caso da história do tempo presente, a essa profusão de fontes agrega-se a possibilidade que tem o historiador de produzir ele mesmo fontes para sua pesquisa e de seus colegas. A título de exemplo, cabe ressaltar a história oral e a produção de fontes iconográficas.

A história oral tem possibilitado o registro de inúmeras narrativas, que são importantes construções da memória individual e coletiva. São diferentes sujeitos e testemunhas da história que, estimulados por historiadores e profissionais de áreas afins à história, relatam suas experiências de vida, que se convertem em documentos passíveis de crítica e análise. Em outras palavras, narrativas e testemunhos são identificados como registros relevantes que podem contribuir para um melhor embasamento da história do tempo presente.

Isso ocorre porque o tempo presente constitui-se como realidade temporal propícia à construção de relatos e registros de lembranças. São vozes múltiplas que, muitas vezes, registram formas diferentes e até conflitantes de rememoração de acontecimentos e processos. Portanto, podem ser identificadas como documentos que, por trazerem em si diversidade de visões do mundo e registros das experiências vividas, valorizam a heterogeneidade em detrimento de uma homogeneidade que usualmente simplifica e distorce o mundo real.

Deste modo, como a pesquisa procurou ter nas fontes orais uma importante parcela da coleta de informações, a história do tempo presente se mostrou um referencial importante na construção do trabalho. Em relação à forma como o estudo foi elaborado e às fontes utilizadas, no próximo capítulo serão apontados os detalhes.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, são tratados os pressupostos que a pesquisa se baseou quanto aos métodos para realizar a construção do trabalho e também para analisar o objeto de estudo. Como temos distintas etapas na proposta metodológica desse trabalho, optou-se em organizá-las em tópicos, sendo: a) coleta de informações; b) análise das informações e c) questões éticas. Espera-se detalhar o processo em questão para cada um dos dois tipos de fontes elencadas na pesquisa, os quais são: fontes documentais e fontes orais. Quanto à escolha pela utilização de diferentes formatos de fontes, partilha-se do pensamento de autores como Fonseca (2000), Burke (1992) e Melo (1997), que exaltam a riqueza de se ampliar o uso de fontes para além das documentais.

Deste modo, utilizando também as fontes orais, procurou-se que cada tipo de fonte fosse complementar a outra a fim de se alcançar uma explicação mais completa para o objeto de estudo. A partir dessas premissas, cabe apontar que esta é uma investigação de caráter qualitativo e que se caracteriza como histórico-documental.

A utilização de fontes de naturezas diversas em busca da compreensão da realidade almejada solidificou os vínculos com a perspectiva historiográfica eleita. Nesse estudo, a pluralidade de discursos sobre o nosso objeto de análise foi percebida e interpretada a partir do conjunto de fontes. Cabe ressaltar que as fontes utilizadas e que se complementaram foram: 1) Fontes Impressas e 2) Fontes Orais.

a) Coleta de Informações

1) Fontes Impressas

Como primeiro passo na construção do trabalho, foi realizada uma revisão de literatura e contextualização do período histórico na qual foram utilizados livros, artigos, dissertações e teses sobre as práticas esportivas no Rio Grande do Sul e principalmente que abordassem o futebol de salão e/ou futsal. Após a revisão da literatura, foi feita a coleta de fontes por meio de jornais do período estudado, sendo esses: Diário de Notícias, Folha da Tarde Esportiva, Folha da Manhã, Correio do Povo e Zero Hora. Escolhidos esses por serem os principais jornais ao longo desse

período das décadas 1980 e 1990 além de destinarem algum espaço ao futebol de salão e futsal.

Esses jornais foram acessados no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, em Porto Alegre. Outro jornal utilizado foi o “Futsal”, periódico quinzenal vinculado a Federação Gaúcha de Futebol de Salão (FGFS), que iniciou em abril de 1988 e encerrou suas publicações em dezembro de 1989. Alguns desses periódicos estão no acervo particular do senhor Tulio Casapiccola, ex-presidente da FGFS, que os colocou à disposição para esse estudo. Também foram utilizadas revistas, como a do Globo e a “Revista *Technica* de Esportes e Atletismo”, sendo essa última a publicação que contém as primeiras regras do futebol de salão no Brasil no ano de 1936.

Para a coleta e posterior análise dessas fontes, foram seguidos os procedimentos recomendados por Bacellar (2010) para a análise documental. Estas recomendações consistem em três etapas, sendo elas: fichamento das fontes, análise das fontes e cruzamento das informações. Quanto à explicação de cada uma dessas etapas, como apenas o fichamento das fontes pertence ao processo de coleta, a análise das fontes e o cruzamento das informações serão detalhados no subcapítulo seguinte, o de “Análise das Informações”.

Então quanto ao fichamento das fontes, organizou-se um quadro com informações de cada fonte, como o título, data, número de página inicial e final, autor, observações e sua localização. Quanto aos locais de consulta, é importante destacar o Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, o Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho, a Federação Gaúcha de Futebol de Salão, a Biblioteca Edgar Sperb e seu acervo histórico localizados na Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A seguir, começamos a explicar as coletas destas distintas fontes.

2) Fontes Orais

O estudo também se utilizou de entrevistas como recurso para obter informações do cenário e de personagens que ocuparam diferentes funções no processo de criação e desenvolvimento do futsal no Rio Grande do Sul. Assim como a história do tempo presente sugere, a coleta de depoimentos é fundamental em um estudo que tem seu objeto de pesquisa datado próximo da época atual.

Para tanto, foi usado o método da História Oral. Baseando-se nas recomendações de Alberti (1989), partimos do conceito de que a História Oral busca conhecer o passado através do depoimento de pessoas que vivenciaram esse passado. A entrevista é criadora de uma História Oral que, de fato, pode ser definida como um trabalho de memória. Assim, recorre à memória do entrevistado para reconstrução da realidade segundo os registros de memória das pessoas selecionadas para a entrevista.

Quanto a essa questão de decidir quem deve ser entrevistado, autores como Thompson (1992) e Joutard (1996) alertam para a importância dessa decisão. Além disso, os mesmos autores destacam os cuidados com outros aspectos técnicos como quem faz a entrevista; como e onde realizar as entrevistas; a organização do roteiro de entrevista; os procedimentos legais envolvidos na doação da entrevista e como e onde armazenar o documento oral.

A fim de obter informações de diferentes posições ocupadas ao longo deste processo de transição do futebol de salão para o futsal no Rio Grande do Sul, optou-se por entrevistar dois dirigentes (entrevistados 6 e 10) da Federação Gaúcha de Futebol de Salão com o critério de escolha definido por serem os que estavam à frente da entidade no momento estudado. Além deles, foram entrevistados dois atletas (entrevistados 3 e 7), escolhidos por terem obtido destaque internacional na modalidade e por terem vivenciado a transição como atletas. Também foram entrevistados dois árbitros (entrevistados 8 e 9) que atuaram no Rio Grande do Sul, assim como dois treinadores (entrevistados 2 e 5) de equipes sul-rio-grandenses no período estudado.

Além disto, o trabalho resolveu entrevistar duas pessoas que, em conversa com os entrevistados, foram indicados em decorrência de terem sido atletas e possuírem uma grande identificação e um conhecimento da história da modalidade (entrevistados 1 e 4). A fim de apresentar os entrevistados e suas ligações com o esporte foi elaborado o seguinte quadro:

Ilustração 1 - Quadro dos Entrevistados do Estudo
Por Ordem Alfabética

Nome	Apelido	Atuação	Entidades Vinculadas
Carlos Renato Lopes	Camarão	Atleta e atualmente comentarista	Inter e Lagoense
Danilo Monteiro Martins	Baby	Treinador	Inter
Eduardo Valdez Basso	Morruga	Atleta e atualmente treinador	Grêmio e Enxuta
José Antônio Rech	Cocão	Atleta e Treinador	Inter e ACBF
Laerte Nunes Pinheiro	_____	Treinador	Gondoleiros e Inter
Léo Evandro Tubino Fraga	_____	Dirigente e presidente da FGFS	FGFS
Luis Fernando Roese Ortiz	Ortiz	Atleta	Enxuta e Inter/Ulbra
Paulo Afonso Veeck	_____	Árbitro	Departamento de arbitragem da FGFS e da CBFS
Paraguassú Fish de Figueiredo	_____	Árbitro	Departamento de arbitragem da FGFS e da CBFS
Tulio José Fontoura Trindade Casapiccola	_____	Presidente da FGFS	FGFS

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador

Por intermédio das entrevistas, procurou-se buscar pontos de vista distintos, como personagens que ocuparam posições diferentes neste processo de transição. Quanto às entrevistas, vale mencionar que foram semi-estruturadas. Assim, existiram pontos pré-estabelecidos em um roteiro de entrevista (apêndice A) para serem abordados com o entrevistado.

Contudo, o entrevistado teve liberdade para avançar na entrevista no ritmo que achasse melhor, podendo o entrevistador incorporar novos questionamentos com base nos relatos do momento da entrevista. Após realizadas as entrevistas, as

quais foram gravadas em um MP3, foram transcritas para uma melhor análise das informações.

b) Análise das Informações

Nesta fase, foi realizada a codificação do material de acordo com os objetivos propostos. Baseando-se no fato de que o trabalho tem fontes de formatos diferentes, procura-se analisar cada uma da melhor forma possível. Então resolveu-se manter a organização do subcapítulo anterior, colocando as fontes separadas, pois considerou-se ser melhor para a explicação da análise de cada uma.

1) Fontes Impressas

Após a coleta e ter realizado o primeiro procedimento apontado por Bacellar (2010), o de fichamento das fontes, seguimos para os próximos passos. No próximo procedimento recomendado pelo autor, a análise das fontes, foi feito um processo de codificação, interpretação e de inferências sobre as informações contidas nas fontes, desvelando seu conteúdo manifesto e latente.

Através disso, as informações foram categorizadas, originando eixos norteadores da pesquisa. Posteriormente, na última etapa, realizou-se o procedimento de cruzamento das informações no qual foram construídas relações entre as informações para corroborar uma determinada versão ou fazer um contraponto a essa, sempre tendo a atenção de relacionar texto e contexto.

Cabe ressaltar que, na análise documental, procurou-se seguir os cuidados e preocupações recomendados por Bacellar (2010). Como o autor relata: contextualizar o documento é fundamental, pois o mesmo foi escrito em um determinado tempo, em outro contexto, e por uma determinada pessoa que, ao escrever, leva consigo crenças, valores e opiniões para o “papel”.

Ele defende que é importante entender todo este contexto no qual o material foi escrito, além de entender os significados e expressões daquele determinado tempo para deixar a sua interpretação mais fidedigna. Como é sabido, nenhum documento é neutro; todos são influenciados por algo. Pensando nisto, o

historiador/pesquisador deve ser crítico ao analisar suas fontes, não as tomando como verdades absolutas e questionando-as sempre que necessário.

2) Fontes Orais

Para a análise das informações obtidas por meio dos depoimentos orais, foram seguidos os passos indicados por Flick (2004) para a “análise qualitativa de conteúdo”. Após as entrevistas terem sido transcritas, apresentadas para a conferência e autorizadas novamente pelos entrevistados, a primeira etapa consistiu em definir o material ao selecionar as entrevistas ou aquelas partes que sejam relevantes na solução do problema de pesquisa. Na segunda etapa, analisou-se a situação da coleta de dados (Como foi produzido o material? Quem participou dessa produção? Quem estava presente na situação da entrevista?). Na terceira etapa, houve uma caracterização formal do material (Como foi documentado e editado o material?).

Após essas primeiras etapas, na próxima, a questão de pesquisa foi diferenciada ainda mais, com base em teorias. A isso se segue a definição de “analítica” - uma das três técnicas sugeridas por Mayring (1983) *apud* Flick (2004): abreviação da análise do conteúdo, análise explicativa do conteúdo e análise estruturadora do conteúdo.

Com base na técnica que será usada, posteriormente, definem-se as unidades analíticas, que definem quais passagens “são analisadas uma após a outra”. Por fim, as análises efetivas são conduzidas antes que seus resultados sejam finalmente interpretados com referência ao problema de pesquisa, elaborando-se e respondendo-se a questões de validade.

O material produzido com as entrevistas foi cruzado com as informações registradas nas demais fontes e assim foram construídas as análises do estudo.

c) Questões Éticas

Para a realização desta pesquisa, foi necessário coletar informações de fontes documentais e impressas. Estas fontes foram encontradas em arquivos públicos, clubes/associações esportivas, bibliotecas e museus.

Para que o pesquisador tivesse acesso a estes locais e fontes, foi entregue uma carta de apresentação (apêndice B), que explica os pressupostos da pesquisa e identifica o pesquisador. A carta também solicita que, por meio de aprovação, a instituição conceda, ao pesquisador, a possibilidade de fotografar ou fotocopiar as fontes que possam trazer aproximação com a proposta da pesquisa. A cada visita, foram levadas duas cartas de apresentação; uma ficava em posse da instituição e a outra com o pesquisador como modo de comprovar a concessão das informações obtidas no local.

Como também foram utilizados depoimentos orais, criou-se um termo de consentimento livre e esclarecimento (apêndice C) e um termo de declaração do entrevistado (apêndice D). O primeiro consiste em um termo que apresenta o estudo e exime o entrevistado de qualquer dever para com pesquisa. O segundo é uma declaração que foi assinada após a conferência da transcrição da entrevista pelo entrevistado; esta, por sua vez, aprova a doação do depoimento ao Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física da UFRGS e apresenta os direitos do entrevistado sobre seu depoimento.

Todos esses documentos seguem como apêndices. Ainda é importante mencionar que esse estudo foi amparado no Comitê de Ética da UFRGS por meio de um projeto mais amplo intitulado “Cenários Históricos e Socioculturais dos Esportes e da Educação Física no Rio Grande do Sul- Brasil”.

4 FUTEBOL DE SALÃO: MODALIDADE PRECURSORA DO FUTSAL

Conhecido como “Futebol de Salão FIFUSA” ou “Futsal FIFUSA” e, mais recentemente em uma reportagem do site globoesporte.globo.com, como “Futsal à moda antiga”, o futebol de salão, como abordamos anteriormente, surgiu na década de 1930. É um esporte sob a direção, primeiramente, da FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão) e, atualmente, pela AMF (Associação Mundial de Futsal) sendo esse ainda praticado em muitos países, inclusive no Brasil.

Segundo o site oficial da AMF, o último Campeonato Mundial foi realizado na Colômbia, em 2011, tendo em vista que ela mesma é a atual campeã mundial. Em linhas gerais, suas regras são as mesmas que surgiram na década de 1950 e que foram adotadas pela FIFUSA na década de 1970: arremesso lateral e de canto com as mãos; não vale marcar gol dentro da área; o goleiro não pode jogar fora da área; tem limite para substituição de jogadores.

Em relação ao futsal, uma maneira de notar as diferenças é através das regras, por exemplo: no futebol de salão se joga com uma bola mais pesada e o arremesso lateral e de canto são efetuados com as mãos; não vale marcar gol dentro da área; o goleiro não pode jogar fora da área; tem limite para substituição de jogadores. Portanto, existem várias regras diferentes do futsal. No entanto, no Brasil quase que totalmente pratica-se e ouve-se apenas a respeito do futsal.

O futebol de salão é uma modalidade esportiva precursora do futsal no estado do Rio Grande do Sul, mas isto não significa que, com o advento do futsal nos clubes, a prática do futebol de salão foi extinta. Tendo em vista esta situação, no presente capítulo apresenta-se um panorama do futebol de salão abordando sua criação, sua implantação e seu desenvolvimento no estado até o advento do futsal no final da década de 1980.

Quanto à questão de quem foi o criador da prática do futebol de salão, existe uma grande controvérsia, se ele surgiu no Uruguai ou no Brasil. Como muitas práticas esportivas, a exemplo do próprio futebol, existem interpretações diferentes quanto ao seu surgimento. Dessa forma, tentar esclarecer a origem do futebol de salão é mergulhar em um mundo de dúvidas, ainda mais pela ausência de documentos esclarecedores quanto a essa questão. Como Figueirêdo (1996) relata, uma inundação ocorrida no Estádio do Maracanã destruiu parte dos arquivos da

Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e, dentre eles, os referentes ao futebol de salão que ali estavam guardados.

Assim, a origem do futebol de salão é rodeada de questionamentos e, de fato, nota-se lacunas quanto a sua história. Esse quadro talvez tenha contribuído para o tema “história do futebol de salão e do futsal” ser um artigo raro em documentos oficiais, como no livro da Confederação Brasileira de Desportos de 1963, que traz as regras oficiais do futebol de salão, mas não apresenta nada da história.

Nos livros específicos, tanto de futebol de salão quanto de futsal, também se nota uma escassez de material quanto a essa temática visto que os poucos a contemplar esse tópico fazem em sua maioria de forma superficial. Cabe salientar que vejo isso como uma falha, todavia, não é exclusividade das produções brasileiras.

Em diversas obras internacionais, até de países onde o esporte é muito tradicional, como a Espanha, essas não apresentam nenhuma informação quanto à origem do mesmo. Quanto a isso, podemos, por exemplo, mencionar um famoso livro do meio: “Fútbol Sala” de Sánchez (1996) editado em Barcelona.

Portanto, realmente é complexo identificar alguns elementos desse processo de nascimento e desenvolvimento do futebol de salão, prática que originou o futsal. No entanto, uma revisão detalhada de literatura pode nos esclarecer diversas questões, como os argumentos apresentados para sustentação de cada uma das duas versões ditas como possíveis para a origem do futebol de salão.

A fim de demonstrar as incertezas que cercam esse princípio do futebol de salão, um exemplo é a contradição por parte de um próprio autor, o professor Jobert Teixeira. Neste caso, Teixeira, em sua obra “Futebol de Salão- uma nova visão pedagógica” publicada em 1990, afirma que o futebol de salão surgiu na Associação Cristã de Moços (ACM) de Montevideu, no Uruguai. Todavia, em seu livro “Futsal 2000- o esporte do novo milênio” publicado em 1996, o autor aponta a ACM de São Paulo como o berço da modalidade.

Assim, temos além de Teixeira (1996), os autores Figueirêdo (1996), Carvalho e Piber (2004) que defendem o Brasil como pioneiro na prática do futebol de salão. No entanto, por outro lado, temos autores como Tolussi (1982), Zilles (1987), Lucena (1994) e Fonseca (2000) que sustentam a versão de que o futebol de salão realmente surgiu no Uruguai. Outra fonte que concorda com essa versão é o livro de regras organizado pela Federação Gaúcha de Futebol de Salão (FGFS). Este

publicado logo no ano de sua fundação, em 1956. Também temos autores como Voser (2003), Vieira e Freitas (2007) que apresentam as duas versões como possíveis. Contudo, eles alertam que a do Uruguai é a “mais conhecida” e “provável”.

Ilustração 2 - Livro de Regras da FGFS



Fonte: Acervo do particular do professor Rogério Voser

O que aparece como ponto comum a todos os autores é de que o futebol de salão surgiu na Associação Cristã de Moços (ACM), na de Montevideu ou na de São Paulo. Existe também uma concordância que a prática se consolidou e se difundiu através do Brasil. Pelo pesquisado em documentos da própria Asociación Cristiana de Jóvenes (ACJ), a ACM de Montevideu, a versão do Uruguai é indicada como a mais provável realmente.

De qualquer maneira, é válido descrever as duas versões do início do futebol de salão. Dessa forma, no que diz respeito à versão de origem no Uruguai, remete-se aos primeiros anos da década de 1930. O Uruguai era a grande referência no futebol, sua seleção foi bicampeã olímpica (1924 e 1928) e sediou a primeira Copa do Mundo de Futebol promovida pela FIFA, no ano de 1930. O país conquistou o título e tornou-se a primeira seleção campeã.

Em decorrência disso, se pode imaginar o quanto em alta o futebol estava no Uruguai. Assim, a partir dessa crescente procura por praticar o futebol no Uruguai, observou-se uma falta de espaços para a prática do futebol. Tal lacuna levou a se começar a jogar futebol em ginásios, chamando-se esta nova prática de *Indoor-football*, que na tradução do inglês seria algo como “futebol em um lugar fechado”.

Essa prática também aconteceu na ACM de Montevideo. Em 1933, um grupo de jovens alunos empolgados com o sucesso do futebol uruguaio o praticava como recreação em quadras de basquete. Ao perceber aquilo, o professor da associação em questão, o senhor Juan Carlos Ceriani Gravier, resolveu preparar algumas regras para aquela nova prática.

Ilustração 3 - Professor Juan Carlos Ceriani Gravier



Fonte: Asociación Cristiana de Jóvenes de Montevideu

O professor se inspirou em quatro esportes, sendo eles: basquete, handebol, futebol e pólo-aquático. Do basquete, além da quadra, adaptou a falta de pessoal, a troca de jogadores e o tempo total de jogo; do handebol, o fato de não poder marcar gols de qualquer distância; do futebol, sua dinâmica e do pólo-aquático, quase todas as regras sobre o goleiro. A partir dali teria surgido o futebol de salão.

Quanto à versão de que surgiu no Brasil, Voser (2003) explica que teria iniciado por volta de 1940 por frequentadores da ACM de São Paulo, pois havia uma grande dificuldade em encontrar campos de futebol livres para poderem jogar. Em consequência desse cenário, resolveram começar a jogar suas "peladas" nas quadras de basquete e hóquei.

No início, não se tinha um número definido de jogadores, porém, ao passar do tempo, resolveram decidir por cinco jogadores para cada equipe. A bola também sofreu mudanças visto que, no início, era considerada muito leve. Em decorrência disso, diminuíram seu tamanho e aumentaram o peso, o que fez o futebol de salão ser conhecido também como o “esporte da bola pesada”.

Quanto às primeiras bolas da modalidade no Rio Grande do Sul, Brito e Bruscato (1995) lembram que eram feitas de cortiça ou de crina, sendo essa do pelo do pescoço e da cauda do cavalo ou de outros animais. Ainda quanto a isso, os autores destacam que a bola pesava cerca de 500 a 550 gramas e sua circunferência era de 55 centímetros.

Toda essa dúvida quanto à questão da origem da modalidade estava tão em evidência que Figueirêdo (1996) menciona um fato importante. O autor cita que o dirigente, Luiz Gonzaga, preocupado em defender os interesses nacionais, já em 1959, durante o Congresso de Abertura do I Campeonato Brasileiro de Seleções, alertou sobre a necessidade de tomada de posição sobre a “paternidade” do futebol de salão.

Como com o passar do tempo, a dúvida ainda continuava. Em 1967, objetivando discutir o assunto com todos que pudessem contribuir com informes, dados e sugestões, Luiz Gonzaga – contando com o apoio de João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, órgão ao qual encontrava-se tutelado o futebol de salão – organizou o I Congresso Nacional das Federações de Futebol de Salão, no Rio de Janeiro, cujo tema principal era discutir a história e paternidade do futebol de salão.

Além disso, segundo Figueirêdo (1996), assistiram aos congressos catedráticos de Educação Física ligados às ACMs (do Brasil e do Uruguai). Portanto, o mesmo autor acredita que a primeira das conclusões a que chegaram foi que o futebol de salão é um esporte genuinamente brasileiro. Entretanto, ele não menciona o porquê chega a essa conclusão, o que provoca questionamentos quanto à decisão.

Outro argumento de Figueirêdo (1996), quanto ao futebol de salão ter “nascido no Brasil”, é a respeito da relação de o Brasil ter fundado no Rio de Janeiro, em 1954, a Federação Metropolitana de Futebol de Salão. Inclusive, ela foi a primeira do gênero do esporte no mundo além de ter sido muito anterior à Federação Uruguaia de Futebol de Salão, fundada em 1965.

Contudo, também se pode questionar essa justificativa visto que isso não nos prova que não possa ter começado no Uruguai. Ainda, por meio desse raciocínio do autor, poderia se questionar a própria versão a qual o autor defende – quanto à sua origem ser em São Paulo – tendo em vista que a primeira Federação constituiu-se no Rio de Janeiro. Tal pensamento não faz sentido, porque, em 1952, foi fundada a Liga de Futebol de Salão da ACM, em São Paulo. Isto nos mostra não existir certeza para descartar o surgimento no Uruguai. Basta lembrar que o silêncio não significa inexistência. Assim, o futebol de salão pode perfeitamente ter surgido no Uruguai e as primeiras instituições do esporte terem sido fundadas no Brasil.

Outro aspecto utilizado por Figueirêdo (1996) em sua tese é que, na data da fundação da Federação Uruguaia de Futebol de Salão, essa contava com apenas dois clubes: *Sporting Club del Uruguai* e o *Club Banco Republica*. Enquanto que, nesse mesmo momento histórico, os brasileiros já estavam disputando o quarto campeonato de seleções e, segundo o autor, “todos os estados já promoviam certames regulares e em todas as categorias.”

Todavia, também é possível contestar esse argumento do autor fazendo alguns questionamentos tal como: será que não poderia perfeitamente ter sido difundido mais rápido no Brasil? Com isto, nossa organização poderia ter sido mais ágil e, desse modo, ter tido, em um período curto, mais equipes, instituições e campeonatos de futebol de salão.

Outro elemento que merece ser enfatizado é comparar as condições do Brasil com as do Uruguai. Será que não tinham várias equipes e praticantes que não quiseram participar da fundação da Federação Uruguai? Isso poderia ter ocorrido por inúmeros motivos possíveis. Talvez no Brasil tivéssemos condições mais favoráveis para a filiação de clubes e organização de ligas, federações e competições. Portanto, ter se organizado mais rapidamente no Brasil não garante o início do futebol de salão ao país.

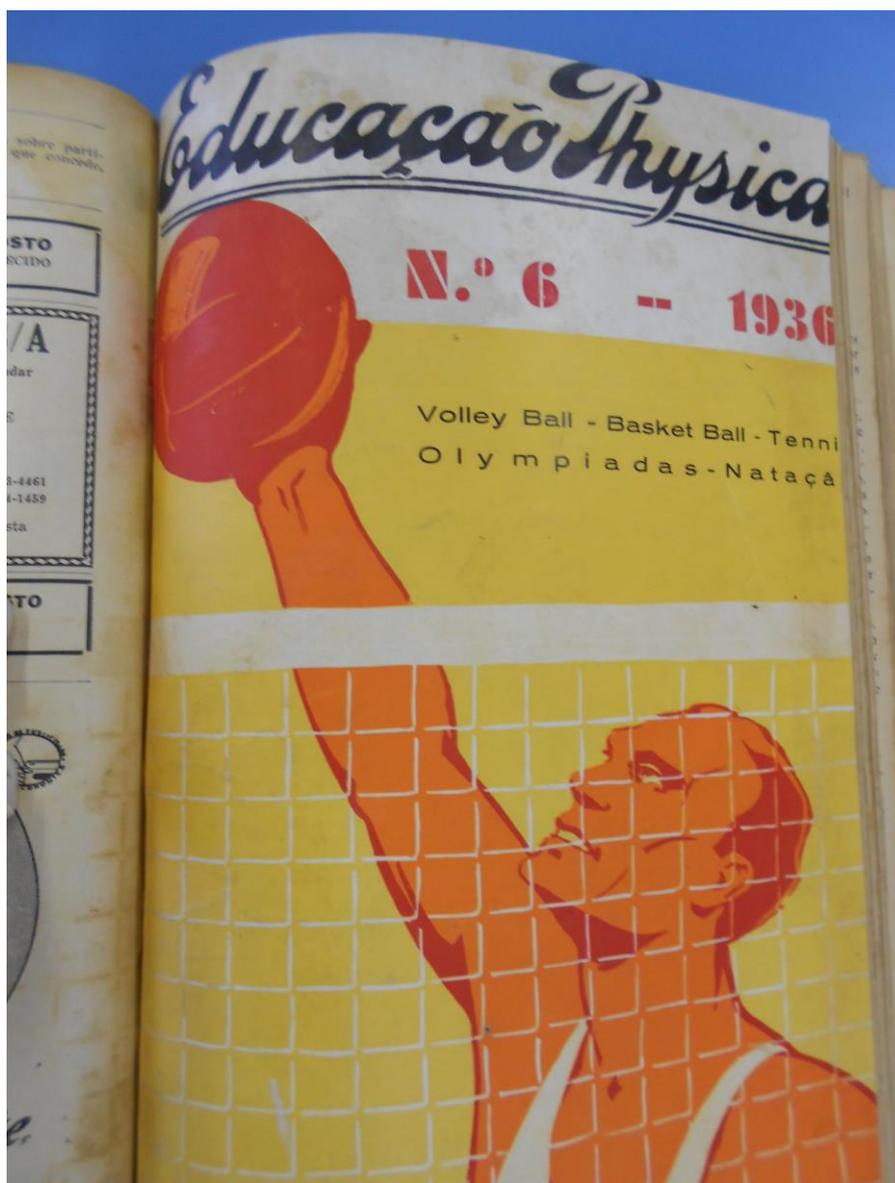
O próprio Figueirêdo (1996) relata que “não é o ponto crucial da questão” se a prática de se jogar futebol em quadra tenha surgido na ACM do Uruguai. O ponto chave apontado pelo autor é que foi no Brasil onde a modalidade foi regulamentada, organizada e posta à disposição do mundo inteiro. Ao analisar o papel do Brasil, como descrito antes, percebe-se um consenso entre os autores de que o Brasil realmente consolidou e difundiu o futebol de salão e que, logo, desempenhou uma função fundamental para o esporte.

Importante salientar a contribuição da obra de Figueirêdo (1996). Pois, nesse cenário de escassez, ele certamente é o autor do livro que mais traz elementos quanto à história do futebol de salão, por isso é muito presente seus achados neste estudo. Pode-se perceber que a discussão das informações coletadas neste trabalho dialoga muito com sua obra. Acerca do processo de desenvolvimento da prática no Brasil, iremos abordar na sequência.

Naquele cenário retratado anteriormente a respeito da sensação de que o futebol estava sendo difundido no Uruguai na década de 1930, o mesmo pode-se dizer do futebol no Brasil, onde já estava consolidado e atraindo a atenção de muitos. Acrescenta-se a esse fato que o intercâmbio dentro das Associações Cristãs de Moços (ACMs), principalmente entre Brasil e Uruguai, era constante.

A partir deste retrato, é possível entender a versão de que os professores das ACMs do Brasil, que participaram de cursos e trocas de experiências na ACM de Montevideú, tenham trazido a prática do futebol de salão para o Brasil. Quanto a essa versão, Figueirêdo (1996) relata que, em 19 de maio de 1982, o presidente da Federação Uruguaia de Futebol de Salão enviou uma correspondência a Januário D'Aléssio Neto, na época Presidente da Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), em que dizia que Juan Carlos Ceriani havia fornecido à Federação Uruguaia os nomes dos professores que teriam introduzido o futebol de salão no Brasil.

Alguns fatos importantes a ser considerados são que, em 1933, o professor Ceriani criou o 1º regulamento do futebol de salão na ACM de Montevideú e, em 1936, no Brasil foi publicado na Revista *Technica* de Esportes e Atletismo, nº 6, do mês de setembro, as primeiras regras do futebol de salão. Esse intercâmbio teria ocorrido por volta da década de 1930.

Ilustração 4 - Capa da Revista *Technica* de Esportes e Atletismo, nº 6Fonte: Revista *Technica* de Esportes e Atletismo

Foram citados os seguintes nomes de professores que teriam participado do curso em Montevideu e que trouxeram a prática para o Brasil: José Rothier (Rio de Janeiro), Anibal Monteiro (Rio de Janeiro), Afonso Lópes Pinto (Porto Alegre), Romeu Pires Osório (Sorocaba), Ernesto Oppliger (Porto Alegre), Silas Raedes (Rio de Janeiro), José Solé (Rio de Janeiro), Daniel Alves de Oliveira (Sorocaba), Julian Haranczyk (São Paulo) e Willy C. Prellwitz (São Paulo). Essa correspondência era

uma resposta às indagações feitas há mais de vinte anos por Luiz Gonzaga. De qualquer forma, esses seriam os nomes que teriam feito essa importação da prática pela qual podemos perceber que, por irem para ACMs de diferentes lugares do Brasil, certamente contribuiu para uma difusão mais rápida pelo país.

Como é ponto comum entre os autores, que o futebol de salão se desenvolveu no Brasil através na ACM de São Paulo, vale apontar alguns elementos ao longo do processo. Pelas suas características e pelo tamanho reduzido da bola e do campo, o jogo apresentava-se violento, principalmente, entre os sócios maiores, o que trazia sérios problemas para as ACMs que contavam com a essa prática esportiva. Isso levou algumas delas a aboli-lo completamente de seus programas e outras a conservá-lo unicamente no programa dos sócios menores.

Somente a ACM de São Paulo o manteve dentro do programa geral, mas continuou a se preocupar com os fatores negativos apresentados por ele tal como vinha sendo praticado. Foi assim que, durante os anos de 1948-49, a Comissão de futebol de Salão da ACM, composta pelos senhores Francisco Gil Cláudio, Vinício Fanucchi, Armando Giovedi, Affonso Bullara, Habib Mahfuz, Nicoláo Bicari Neto e Asdrubal Monteiro, diretor do Departamento de Educação Física, fez observações e estudos introduzindo no Futebol de Salão as modificações necessárias para que o mesmo tornar-se um esporte perfeitamente praticável, como os outros.

Ainda no Brasil, um nome que se destaca nos primórdios do futebol de salão é o de Habib Maphuz. Ele era professor da ACM de São Paulo e, no início dos anos cinquenta, participou da elaboração das normas para a prática de várias modalidades esportivas, sendo que uma delas, o futebol, era jogado em quadras. Tudo isto no âmbito interno da ACM paulista. Este mesmo senhor fundou a primeira liga de futebol de salão em 1952, a Liga de Futebol de Salão da Associação Cristã de Moços. Mais tarde, o professor se tornou o primeiro presidente da Federação Paulista de Futebol de Salão. Habib Maphuz faleceu pouco tempo depois da realização do I Campeonato Mundial e a Câmara Municipal de São Paulo prestou-lhe uma homenagem denominando uma das ruas da capital com o seu nome.

Posteriormente, em 28 de Julho de 1954, foi fundada a Federação Metropolitana de Futebol de Salão, atual Federação de Futebol de Salão do Estado do Rio de Janeiro. Ela foi a primeira federação estadual do Brasil, tendo Ammy de Moraes como seu primeiro presidente. Neste mesmo ano, foi fundada a Federação

Mineira de Futebol de Salão. Em 1955, foi fundada a Federação Paulista de Futebol de Salão.

O que se viu a partir de então foi o desencadeamento da origem de federações estaduais por todo o Brasil. Inclusive, em 4 de junho de 1956, na Associação de Cristã de Moços de Porto Alegre, foi fundada a Federação Gaúcha de Futebol de Salão. Em 1956, Luiz Gonzaga de Oliveira, da Federação Paulista de Futebol de Salão, criou o primeiro Livro de Regras, posteriormente adotadas pela FIFUFA (Federação Internacional de Futebol de Salão).

Figueirêdo (1996) sugere que a criação de torneios projetou o esporte para a imprensa por intermédio de grandes nomes da comunicação na época como Raul Tabajara e José Antônio Inglês, jornalista da Gazeta Esportiva. Como citado, dois anos após a primeira federação de futebol de salão no Brasil, foi fundada a Federação Gaúcha para essa prática.

Uma linha do tempo do futebol de salão pode representar como foi cada passo nesta transição do futebol de salão para o futsal, mas sem o término do futebol de salão. Assim, nesta linha do tempo destacam-se os principais momentos de cada década. As informações foram obtidas através do site oficial da Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS).

Segundo o estudo de Santos (2001), na década de 50 ainda não havia uma padronização das regras e o presidente da confederação Brasileira de Desportos, CBD – dirigida por Sylvio Pacheco – criou o Conselho Técnico de Assessores de futebol de salão para dar padronização as regras e dirigir os destinos do futebol de Salão no Brasil a partir de 1957. Neste mesmo ano, criou-se um movimento partindo de Minas Gerais na tentativa de fundar a Confederação Brasileira de futebol de Salão, mas o Conselho nacional de Desportos, o CND, não acatou tal pedido.

No dia 12 de janeiro de 1967, no Rio de Janeiro, foi realizado o I Congresso Nacional de Federações de futebol de Salão promovido pela CBD que tinha por objetivo, entre outras questões, a unificação das regras nacionais. A partir daí, a primeira regulamentação das regras foi feita no Brasil e que, posteriormente, foram adotadas e oficializadas pela Confederação Sul Americana de Futebol de Salão e pela Federação Internacional de Futebol de Salão.

O primeiro marco foi no final da década de 1960. Precisamente em 14 de setembro de 1969, em Assunção no Paraguai, com a presença de João Havelange,

presidente da CBD, Luiz Maria Zubizarreta, presidente da Federação Paraguaia de Futebol, e Carlos Bustamante Arzúa, presidente Associação Uruguaia de Futebol, foi fundada a Confederação Sul-Americana de Futebol de Salão – CSAFS. Também esteve presente nesta reunião, representando o Brasil, Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes.

Na década de 1970, com sede na cidade de São Paulo, Brasil, a FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão) foi fundada em 25 de julho de 1971. A entidade nasceu de uma iniciativa da Confederação Sul-americana de Futebol de Salão – criada dois anos antes – e da Confederação Brasileira de Desportes. Além do Brasil, participaram de sua fundação: Argentina, Uruguai, Bolívia, Paraguai, Peru e Portugal.

Apesar de ter o brasileiro João Havelange como primeiro presidente do conselho executivo, a FIFUSA foi dirigida, desde sua criação até 1975, pelo seu secretário-geral Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes. Entre os primeiros dirigentes, havia membros dos outros países fundadores, exceto de Portugal. Além de estar no comando da CBD, Havelange não dispunha de tempo para se dedicar à FIFUSA, porque estava empenhado em conquistar a presidência da Federação Internacional de Futebol (FIFA) – ele foi eleito em junho de 1974.

Naquela época, a FIFA não demonstrava ainda interesse pelo futebol de salão. Com a ida de João Havelange para a FIFA, Waldir Nogueira Cardoso assumiu a presidência da FIFUSA em 1975. Mas durante seu mandato não houve grande competições e expansão da modalidade.

Na década de 1980, Januário D'Aléssio Neto – dirigente da Sociedade Esportiva Palmeiras – tornou-se o novo presidente da FIFUSA. Sob o comando de D'Aléssio Neto, o esporte atingiu grande expansão no cenário internacional com a constituição de competições importantes para a modalidade. A primeira delas foi o I Pan Americano de Futebol de Salão, disputado no México, com a participação de Brasil, México, Paraguai, Uruguai, Argentina, Bolívia e Estados Unidos – competição vencida pelo Brasil.

Em 1982, foi realizado no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, o I Campeonato Mundial de Futebol de Salão. O evento contou com a participação de Brasil, Argentina, Costa Rica, Tchecoslováquia, Uruguai, Colômbia, Paraguai, Itália, México, Holanda e Japão. O Brasil venceu a final do Paraguai por 1 a 0 com gol de Jackson. Foram campeões neste mundial Pança, Barata, Beto, Walmir, Paulo César,

Paulinho Rosas, Leonel, Branquinho, Cacá, Paulo Bonfim, Jackson, Jorginho, Douglas, Carlos Alberto e Miral, treinados por César Vieira. O primeiro mundial foi um marco, pois a partir de então o futebol de salão começou a despertar o interesse da FIFA.

O sucesso da competição incomodou a FIFA que, a partir de então, passou a lutar pela apropriação desse esporte. A entidade começou a criar muitas dificuldades para todas as competições patrocinadas pela FIFUSA e ameaçou por toda a década de 1980 criar um mundial para o futebol de cinco – uma versão do futebol de salão com alterações nas suas regras, praticado principalmente na Europa.

A FIFUSA tentou resistir às investidas da FIFA – às vésperas da disputa do seu II Campeonato Mundial de Futebol de Salão (Espanha, 1985). Entre as dificuldades, destaca-se a proibição por parte da FIFA de que nenhuma entidade, a não ser ela, usasse o termo “futebol”. Aqui é pertinente informar que o próprio termo “futsal” foi originalmente cunhado pela FIFUSA em reação a esta proibição da FIFA. Esse termo utilizado pela FIFUSA tinha hífen (fut-sal), sendo uma abreviação de “fútbol sala”, tradução do espanhol para futebol de salão. Todavia, curiosamente, o nome acabou sendo adotado mais tarde pela própria FIFA, sem o hífen. Tornando-se, assim, associado à forma a qual o esporte adquiriu sob a autoridade desta entidade.

Em 1985, no 2º Campeonato Mundial de Futebol de Salão organizado pela FIFUSA, na Espanha, novamente o Brasil venceu. Depois disso, em 1988, foi realizado na Austrália o 3º Mundial, com a vitória do Paraguai. Em setembro de 1988, Álvaro Melo Filho, na qualidade de Presidente da CBFS, em face das dificuldades da FIFUSA e projetando um futuro melhor para o futebol de salão, aceitou o convite para o encontro no Rio de Janeiro, arquitetado pelo dirigente do Bradesco Ararino Sallum. A partir daí, iniciaram-se negociações com o então Presidente da Fifa, João Havelange, e seu secretário geral, Joseph Blatter, que veio ao Brasil especialmente para tratar do futsal, buscando que a FIFA encampasse a FIFUSA e passasse a comandar internacionalmente o esporte.

Um mês depois, a FIFUSA organizou na Austrália seu terceiro e último Campeonato Mundial de Futebol de Salão, onde o Paraguai se sagrou campeão e o Brasil ficou com o vice-campeonato. Após o término da competição, a FIFA procurou a FIFUSA em uma nova investida para incorporar o futebol de salão, mas o acordo foi rejeitado.

Como já apontado, essa questão da dificuldade de informações referentes ao processo histórico do futebol de salão e do futsal juntamente com a falta de estudos que contemple esta temática no Brasil também vale para o Rio Grande do Sul. No entanto, com relação à história do estado, existem três trabalhos que servem como fonte de consulta para este estudo. Essas três obras são: a dissertação de mestrado de Fonseca (2000), a qual estuda o futebol de salão em Caxias do Sul no período de 1962 até 1996; o trabalho publicado nos anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, por Carvalho e Piber (2004), no qual os mesmos falam da “História do Futsal” em Santa Maria de 1956 a 1970; e a última é um livro que se tornou raridade por ter sido publicado de forma independente, intitulado o “Futsal Gaúcho”, de autoria de Brito e Bruscato (1995). O livro fala pouco da história, todavia, traz algumas imagens importantes e fatores que explorados podem nos ajudar a tentar compreender essa consolidação do futebol de salão e após o futsal no Rio Grande do Sul.

Para entender a chegada do futebol de salão no Rio Grande do Sul, é importante compreender um pouco do cenário esportivo da época. Inclusive, é válido lembrar-se que, nas primeiras décadas do século XX, principalmente o futebol, o remo e o turfe eram práticas consolidadas no cotidiano da população porto-alegrense. Nesse período, as maiorias dos clubes da capital por terem influência teuto-brasileira usualmente estavam mais fechados às práticas que não fossem de sua origem cultural.

No entanto, na década de 1940, a sociedade porto-alegrense passou por significativas modificações culturais, influenciada pelos modelos de comportamento da França e dos Estados Unidos. Dessa forma, práticas como o basquetebol, de origem americana, começaram a ganhar espaço. É importante lembrar-se também que o basquete já era praticado há algum tempo em Porto Alegre, tendo seu primeiro campeonato Cidadino em 1923, vencido pela Associação Cristã de Moços (MAZO, 2003).

Acerca da ACM de Porto Alegre, cabe informar que ela própria introduziu na cidade o basquetebol, além do voleibol, das corridas de ruas e do futebol de salão. Após essa mudança que acolheu práticas como o basquete, cerca de dez anos depois, foi iniciado um movimento mais forte quanto à prática do futebol de salão na cidade.

No processo de vinda dos professores que estiveram na ACM de Montevideu ao Brasil, apontaram-se dois nomes que vieram para Porto Alegre. Os dois professores mencionados foram Afonso Lópes Pinto e Ernesto Oppliger. Entretanto, o professor Daniel Alves de Oliveira que aparece naquela lista indo para a ACM de Sorocaba passou um período em Porto Alegre e ajudou e muito no processo de apresentação e organização do futebol de salão na cidade atuando pela ACM local.

A entrada do futebol de salão no Rio Grande do Sul aconteceu através da ACM de Porto Alegre. Ao iniciar a prática desse novo esporte em suas instalações, começou a difundi-la para outros clubes por meio de jogos internos. Tal fato ocorreu por volta de 1953 com base no primeiro boletim técnico da Federação Gaúcha de Futebol de Salão (FGFS), impresso em 1956.

Ainda conforme esse documento da FGFS, ao notar-se esse maior interesse em Porto Alegre quanto ao futebol de salão, alguns interessados na difusão deste esporte, em junho de 1956, convocaram os clubes interessados para que enviassem seus representantes a uma reunião que seria levada a efeito no dia quatro do mesmo mês. Nesta reunião, ficou constatada a presença dos seguintes clubes: Americano Atlético Clube; Associação Cristã de Moços de Porto Alegre; Esporte Clube Piratas; Florida Atlético Clube; Grêmio Esportivo Sulbanco; Grêmio Náutico Gaúcho; Nacional Atlético Clube; Petrópole Tênis Clube; Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA). Este último, por solicitação.

Ilustração 5 – Fundação da Federação Gaúcha de Futebol de Salão



Fonte: Acervo Particular de Tulio Casapiccola

Nesta sessão solene realizada na própria sede da ACM de Porto Alegre, localizada na rua Pantaleão Teles, estes clubes foram considerados sócios fundadores da entidade¹ que passaria a se denominar “Federação Gaúcha de Futebol de Salão”, e isto a título precário, até quando se organizassem seus estatutos e se filiassem à Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

Pode-se comparar a data de fundação da Federação Gaúcha de Futebol de Salão (FGFS), em 1956, com a da Federação Gaúcha de Basketball (FGB) que,

¹ A primeira diretoria da FGFS ficou assim constituída: Presidente, professor Daniel A. de Oliveira; Vice-Presidente, Walnir G. Jacques; 1º Secretário, Osvaldo J. Caputo; 2º Secretário, Silvio J. Souza; 1º Tesoureiro, Renato Z. Torino; 2º Tesoureiro, Fadil Fadel; Diretor da Comissão de Justiça Desportiva, Walnir G. Jacques; Diretor do Departamento Técnico, Abranhão Bruno Pinheiro. Além dos diretores, Gerson Krebs, Armando Esbróglgio, Heron de Lorenzi e Aniceto Mirales, que fazem parte dos últimos departamentos.

mesmo com o basquete sendo praticado há bastante tempo no Estado, só veio a ocorrer em 1952. Vale lembrar aqui que, em 1941, a promulgação da primeira legislação que regulamentou os esportes no país influenciou a organização dessas entidades esportivas.

Antes da fundação da FGFS, também no ano de 1956, segundo Brito e Bruscato (1995), foi realizado o primeiro torneio de lançamento do Futebol de Salão em Porto Alegre. Tendo como campeã a equipe “A” do Petrópole Tênis Clube². Nesse torneio participaram seis equipes sendo elas: ACM “A”; ACM “B”; Grêmio Náutico Gaúcho “A”; Grêmio Náutico Gaúcho “B”; Petrópole Tênis Clube “A” e Petrópole Tênis Clube “B”³.

Ilustração 6 – Torneio Inaugural do Futebol de Salão em Porto Alegre



Fonte: Jornal Fôlha da Tarde

² Os atletas que formaram o time campeão do Petrópole Tênis Clube foram: Natálio, Dario, Vilmar, Lobato, Iran, Celestino, Paulo e Amilton.

³ O primeiro goleador foi Túlio Casapicola do clube Grêmio Náutico Gaúcho, com sete gols.

Ainda segundo os mesmos autores, os primeiros campeonatos tinham ainda os times do Americano e da Praça Florida. Os torneios eram disputados em uma quadra da cidade de Porto Alegre durante um único dia. O primeiro campeonato oficial teve como campeão o Grêmio Náutico Gaúcho, que venceu as duas partidas que jogou: 4x1 na Praça Florida e 9x4 no Petrópole Tênis Clube ⁴.

Ilustração 7 – Equipe do Grêmio Náutico Gaúcho Campeã do I Campeonato da Cidade de Porto Alegre



Fonte: Acervo Particular de Tulio Casapicola

Após o esporte, foi cada vez mais crescendo e reunindo mais clubes interessados e de diferentes cidades do estado. Como Fonseca (2000) apresenta na

⁴ Os atletas que integraram a equipe do Grêmio Náutico Gaúcho foram: Siriri, Armando, Walter, Wilson, Tulio, Hormar, Aymoré e Chicão.

fala de um de seus entrevistados, a difusão do futebol de salão para o interior do estado iniciou com a ajuda dos jornais de Porto Alegre, que davam uma interessante cobertura aos jogos e campeonatos da capital.

Assim, equipes do interior começaram a enviar cartas para a capital, buscando informações para se filiarem a FGFS. Como foi o caso apontado por Brito e Bruscato (1995), onde o Pinheiros Atlético Clube, da cidade de Estrela, solicitou sua filiação à FGFS em sete de agosto de 1956. O clube em questão enviou uma carta endereçada ao Jornal Diário de Notícias de Porto Alegre. Dessa forma, o Pinheiros de Estrela foi o primeiro clube do interior a se filiar à FGFS.

A partir da realização do primeiro campeonato estadual em 1957, o futebol de salão pode ser comparado a um vírus, pois se espalhou rapidamente por todo o Rio Grande do Sul. Destaca-se com base em Carvalho e Piber (2004) que, já em 1956, existem registros da prática do futebol de salão em Santa Maria, sendo no ano de 1957 fundada a Liga Santamariense de Futebol de Salão (LSFS).

Segundo Fonseca (2000), no ano de 1962, foi fundada a Liga Caxiense de Futebol de Salão (LCFS). O mesmo autor indica que com a realização do primeiro estadual em 1957 e com o reconhecimento do futebol de salão como esporte em 1958 pela extinta Confederação Brasileira de Desportos (CBD), órgão máximo de legislação e administração do esporte brasileiro no período, o futebol de salão foi cada vez ganhando mais força. Como Fonseca (2000) destaca, no início da década de 1960, o futebol de salão já estava muito consolidado na região sul do Rio Grande do sul, em cidades como Alegrete, Uruguaiana e principalmente em Pelotas.

Pode-se constatar isso se analisarmos os campeões do campeonato estadual. Para isso, foi elaborado um quadro por meio das informações das primeiras coletas do nosso estudo e da obra de Brito e Bruscato (1995). Abaixo segue o quadro (apêndice E) dos campeões da “série ouro”, equivalente à primeira divisão da modalidade, trazendo os campeões desde a primeira edição do estadual até a do ano passado, já que a do presente ano ainda está em andamento.

Além dessa reconstrução dos campeões, de suas cidades e dos locais da partida da final, outro resgate importante é descobrir os personagens que estiveram à frente da FGFS. Pois, por intermédio da entidade, responsável primeiramente pelo futebol de salão e atualmente pelo futsal do Rio Grande do Sul, é possível entender elementos ao longo deste processo de transição do futebol de salão para o futsal.

Dessa forma, foi elaborado um quadro dos Presidentes da Federação Gaúcha de Futebol de Salão (apêndice F).

A tradição do estado do Rio Grande do Sul no futebol de salão e após no futsal fica mais evidente se analisarmos que dos 17 títulos brasileiros de futebol de salão que foram disputados, equipes sul-rio-grandenses venceram oito desses e ficaram por sete vezes com o vice-campeonato, o que o faz o estado com mais títulos. Outra informação que corrobora para isso é a respeito do “Campeonato Brasileiro de Seleção Adulto” de futebol de salão, posteriormente de futsal, no qual cada estado do Brasil enviava sua seleção para a disputa. Das 26 edições realizadas, o Rio Grande do Sul também é o maior vencedor, acumulando oito títulos de campeão e três de vice-campeão.

Além disso, foi também o estado que mais sediou a competição, empatado com São Paulo e Ceará, com quatro edições. As realizadas no Rio Grande do Sul foram nos anos de 1963, 1969, 1977 e 1995. Entre as conquistas do Rio Grande do Sul nessa competição, destaque para o tricampeonato consecutivo nos anos de 1977, 1979 e 1980. Esse feito marcou o estado como uma potência do esporte e alguns jornais destacaram até um estilo próprio da seleção sul-rio-grandense no esporte.

Ilustração 8 – Seleção Gaúcha de Futebol de Salão de 1977



Fonte: Acervo Federação Gaúcha de Futebol de Salão

Realmente essa hegemonia deu uma posição de extremo destaque para o Rio Grande do Sul no âmbito do futebol de salão. Ainda mais, sendo alimentado por argumentos de que o Brasil é onde se tem o melhor futebol de salão. Logo, o Rio Grande do Sul sendo campeão do país, seria o lugar do melhor futebol de salão do mundo. Com isto, também obteve um espaço maior na imprensa da época, o que certamente contribuiu para a aceitação do futsal na década de 1990.

Por meio destas informações do futebol de salão desde a sua criação e desenvolvimento tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul, pode-se refletir com maior profundidade a respeito da história do futsal. No capítulo que segue, será esta a proposta, desde a transição da CBFS da FIFUSA para a FIFA e consequente

mudança para a prática do futsal até as mudanças de regras e profissionalização da prática conquistando significativo espaço na mídia.

5 O ADVENTO DO FUTSAL NO RIO GRANDE DO SUL

Os jornais já anunciavam a mudança na modalidade futebol de salão. Todavia, em um primeiro momento, a ideia era de uma unificação entre a FIFUSA e FIFA, o que não veio acontecer. Em uma manchete de 1988 sem o dia e o mês do jornal, o Futsal estava no título “União FIFA/FIFUSA”. Isto mostra que as negociações entre FIFUSA e FIFA já vinham ocorrendo há algum tempo até acontecer um afastamento das entidades. Como se pode ver os detalhes nesta reportagem de novembro 1989 do jornal “Futsal”, ano II, número 11, com o título: “Congresso da FIFUSA Não aprova Unificação”:

Realizado em São Paulo, no último dia 23, na sede do Palmeiras, os representantes dos 19 países participantes rejeitaram por 12 a 7 votos, a integração entre o Futebol de Salão e o Futebol cinco. O Brasil foi o único país sul-americano a votar a favor da unificação. EUA, Canadá, Costa Rica, Austrália e Nova Zelândia também votaram a favor da unificação, porém esta definição não é conclusiva, havendo rodada de negociação entre os congressistas. O presidente da FIFUSA, Januário D’Aléssio, um dos membros da comissão paritária, considera a rejeição da proposta negativa para os interesses do esporte e acha que será difícil ampliar as negociações com a FIFA, -“Pois já havíamos conseguido, entre outras coisas, a permanência das regras e da bola por dois anos”. Para D’Aléssio, é extremamente importante a unificação destes esportes para que ocorra o que todo brasileiro deseja: o futebol de salão se tornar olímpico. (FUTSAL, 1989, p.05).

Contudo, com as mudanças exigidas pela FIFA principalmente quanto ao tamanho de quadra, muitas equipes encerraram suas atividades. Inclusive, o número de equipes participantes no futsal reduziu, segundo o presidente da FGFS Tulio Casapicola. Um dado obtido através do jornal Futsal é que a Federação Gaúcha no ano de 1989 tinha 96 filiados, com diversas categorias.

Em janeiro de 1989, a FIFA resolveu promover o seu primeiro Campeonato Mundial de Futebol Cinco, praticado na Europa. Era como o futebol de salão com

alterações nas suas regras. O evento foi realizado na Holanda, e Álvaro Melo Filho autorizou a equipe do Bradesco a representar o Brasil, na Holanda, na 1^o Copa do Mundo de Futsal da FIFA, obtendo o título de campeão mundial. A equipe contou com a participação do jogador do Flamengo, Adílio. Os entrevistados deste estudo, os ex-jogadores Ortiz e Morruga relataram terem sido convidados para disputar este campeonato, porém seus clubes não os liberaram. Esse fato dá a noção de que era uma seleção para representar o Brasil na competição e não apenas os jogadores da Bradesco do Rio de Janeiro.

Logo após este mundial, Álvaro Melo Filho, contando com a anuência e a presença de Januário D'Alécio (Presidente da Fifusa), participou de várias reuniões na FIFA ao longo do ano de 1989, onde sempre teve presença e atuação destacada assim como o secretário geral da FIFA na época, Joseph Blatter. Ao final, obtiveram o acordo da criação do futsal com previsão estatutária, a Comissão de Futsal.

Segundo o site oficial da Confederação Brasileira de Futebol de Salão, após o término da competição, a Confederação Brasileira de Futebol de Salão se desvinculou da FIFUSA e passou a integrar a FIFA – um caminho seguido por muitas outras entidades nacionais. Precisamente, em 02 de maio de 1990, o Brasil legalmente se desligou da FIFUSA em carta do presidente da CBFS, Aécio de Borba Vasconcelos, ao presidente da FIFUSA, Januário D'Alécio, com o aval das 26 Federações Regionais filiadas à CBFS.

Assim, o Brasil vinculou-se oficialmente à FIFA, via CBFS (Confederação Brasileira de Futebol de Salão) e, a partir daí, como citado antes, muitos outros países seguiram o mesmo caminho. Ainda naquele ano, a FIFA criou sua Comissão de Futsal, especialmente para supervisionar o futebol de salão. Mesmo com a mudança para o futsal, tanto a CBFS quanto a FGFS mantêm o termo futebol de salão em seus nomes.

Quanto à década de 1990, ficou claro que a investida definitiva da FIFA no futebol de salão enfraqueceu a FIFUSA. Seus dirigentes divergiram quanto ao seu futuro. A entidade terminou extinta no final de 1989 e início de 1990. Grande parte da documentação da FIFUSA ficou em poder da CNFS - Confederação Nacional de Futebol de Salão e da UEFS – União Europeia de Futebol de Salão. Contudo, persistiu o descontentamento por parte de muitas federações sul-americanas que, junto com outras antigas filiadas à FIFUSA no resto do continente, formaram a Confederação Pan-Americana de Futsal (PANAFUTSAL).

Segundo o site oficial da Confederação Nacional de Futebol de Salão, a *PANAFUTSAL* foi fundada no dia 25 de setembro de 1990, em Bogotá, por dirigentes das federações de futebol de salão de Paraguai, Colômbia, México, Uruguai, Argentina, Venezuela, Costa Rica, Porto Rico e Bolívia. Mais tarde filiaram-se também as Antilhas Holandesas, Aruba, Canadá e Equador que iriam aderir à *PANAFUTSAL*.

Ao longo da década de 1990, a *PANAFUTSAL* manteve-se como uma entidade independente da FIFA e organizou campeonatos de futebol de salão como, por exemplo, os mundiais de 1991, 1994 e 1997, sempre seguindo as regras previstas pela extinta FIFUSA. Embora tenha se tornado uma modalidade marginalizada, o futebol de salão permaneceu sendo praticado em muitos países – inclusive no Brasil, com praticamente as mesmas regras de quando o esporte surgiu na década de 1950 – como o arremesso lateral e de canto feito com as mãos, como a proibição de marcar gol dentro da área e como a do goleiro jogar fora da área, entre outras regras.

Enquanto isto, a FIFA a partir de 1992 passou a organizar a Copa do Mundo de Futsal a cada quatro anos assim como a Copa do Mundo de Futebol. O domínio brasileiro na modalidade é latente. Os brasileiros, além do título conquistado em 1989 na Holanda, venceram também as edições de 1992 (Hong Kong – China), 1996 (Espanha), 2008 (Brasil) e 2012 (Tailândia). Enquanto os espanhóis, maiores adversários brasileiros, levantaram a taça em 2000 (Guatemala) e 2004 (Taipei-China).

No ano de 2000, a *PANAFUTSAL* firmou uma carta de intenções com a FIFA, em busca de uma fusão com a mesma. No entanto, o acordo não prosperou. No mesmo ano, o Comitê Olímpico Internacional reconheceu oficialmente a FIFA como única entidade para promover campeonatos de futsal.

A *PANAFUTSAL* encontrava-se marginalizada como a FIFUSA. Com vistas a não ter que paralisar suas atividades como a FIFUSA, a única solução era alcançar o âmbito mundial para, assim, manter o futebol de salão nos moldes de sua criação - em oposição à versão da FIFA, cheia de alterações. Em vista disso, seus membros idealizaram a criação da Associação Mundial de Futsal (AMF), com quem é filiada. A Associação Mundial de Futsal (AMF), uma organização mundial que regula a prática do futebol de salão nas regras FIFUSA/AMF, nasceu em 2002 e tem sua sede em Assunção, no Paraguai.

Apesar disso, o esporte manteve a dissidência. Em dezembro de 2002, os membros da PANAFUTSAL e outras federações nacionais de outros continentes – basicamente ex-integrantes da FIFUSA – criaram a Associação Mundial de Futsal (AMF). A AMF organizou os mundiais de 2000, 2003, 2007 e 2011. Inclusive, já tem marcado o próximo para 2015, na Bielorrússia.

Países filiados à FIFUSA também filiaram-se à AMF; oficialmente países e confederações não se desfiliam da FIFUSA. No Brasil, a Confederação Nacional de Futebol de Salão tem sua filiação à FIFUSA desde 1991 e na AMF desde 2006. A AMF conta com vários países afiliados e sete entidades continentais que são:

Confederação Sul-Americana de Futebol de Salão (CSFS); Confederação Pan-Americana de Futebol de Salão (CPFS); União Europeia de Futebol de Salão (UEFS); Confederação do Norte, América Central e Caribe de Futebol de Salão (CONCACFUTSAL); Confederação Africana de Futebol de Salão (CAFUSA); Confederação Asiática de Futebol de Salão (CAFS) e Confederação de Futebol de Salão da Oceania (CFSO).

Novamente importante é apontar que o futebol de salão é o precursor do futsal. A Liga Nacional, que desde 1996 congrega as principais equipes brasileiras, é de futsal e não do futebol de Salão. Os jogadores que disputam essa Liga são os convocados para a seleção brasileira de futsal. Mesmo a confederação brasileira mantendo em seu nome o futebol de salão, gerencia o futsal nacional. Assim como as equipes filiadas às federações de futebol de salão, como a Federação Gaúcha de Futebol de Salão (FGFS), jogam futsal e não futebol de salão.

Analisando os depoimentos dos entrevistados é possível observar detalhes desta mudança para o futsal no Rio Grande do Sul. Com relação a este processo de mudança do futebol de salão para o futsal, Ortiz salienta em seu depoimento que:

Como atleta, eu não conseguia saber todos os detalhes, mas o que diziam na época é que o futebol de salão estava chamando a atenção do público e da mídia. Realmente tinha um grande interesse e na Europa é muito frio. Era uma opção para os países que tem um inverno mais rigoroso, então, a FIFA se interessou. Uma outra versão deste interesse da FIFA seria por um receio de o futebol perder algum espaço devido ao grande crescimento do futebol de salão. Assim, a FIFA entendeu que, assumindo o futebol de salão, poderia

controlar este crescimento e garantir que não atrapalhasse no futebol. (ORTIZ, 2014, p. 10).

O entrevistado Danilo Martins concorda que a FIFA temeu o grande crescimento e a aceitação do futebol de salão. Para ele, ao ver o risco de a FIFA perder algum espaço do futebol para o futebol de salão, levou ela a proibir de usar a palavra futebol: “Daí depois com o interesse de assumir o futebol de salão, acredito que a FIFA comprou dirigentes da CBFS e da FIFUSA para concordarem com esta mudança”. Ele vai além e diz:

[...] o grande crescimento da modalidade foi freado. O que estava fervendo ficou morno. A FIFA não deixou o futebol de salão crescer. Por exemplo, até hoje, não existe a profissão de treinador de futsal. Tenho na minha carteira profissional escrito técnico de desporto. Com estas transformações não nos tornamos olímpicos. (MARTINS, 2014, p.8).

O professor Eduardo Basso (Morruga) diz que, no mundial de 1988 em Sidney na Austrália, não se falava nada da FIFA assumir ou fazer uma parceria com a FIFUSA.

O que se falava era o grande passo de se tornar olímpico. A FIFA, por esta busca em se tornar esporte olímpico, foi abraçada pela Confederação Brasileira de Futebol de Salão. Dessa forma, surgiu este mundial de futebol cinco em 1989, organizado pela FIFA e sediado na Holanda. O Brasil não poderia disputar porque estava ligado à FIFUSA, então, mandaram um time para esta competição, que era o da Bradesco do Rio de Janeiro, para representar o Brasil. Convidaram eu e o Ortiz, mas nossos clubes não liberaram. Sei que o Adílio, jogador do Flamengo, foi e lá eles venceram nos pênaltis. Ali começou este namoro da CBFS com a FIFA. Daí, no ano seguinte, a CBFS se desligou da FIFUSA e ingressou na FIFA. (BASSO, 2014, p. 17).

A mudança trouxe inclusive punições como lembrou o senhor Laerte Pinheiro:

[...] eu era o técnico da equipe brasileira que disputou um campeonato organizado pela FIFUSA em 1990 na Itália e, quando os jogadores voltaram, foram punidos com 3 anos de afastamento, porque jogaram um campeonato por uma entidade que não era reconhecida mais pela CBFS, que já estava ligada à FIFA. (PINHEIRO, 2014, p. 13)

O professor Morruga fala com propriedade a respeito da FIFA, pois faz parte junto com o atual técnico da seleção brasileira de futsal, Paulo César de Oliveira (PC), de um grupo de 36 instrutores da FIFA, que estudam o desenvolvimento do futsal. Nas suas palavras:

Eu por estar neste grupo de estudos da FIFA a respeito do futsal, além de mim o PC também está aqui do Brasil, pude compreender mais a respeito da entidade. O que posso te dizer é que a FIFA é uma empresa e, como todas, visa ao lucro. Então, ela pegou aquele jogo futebol de salão e viu que isto não vende. Bem isto mesmo, daí começou ano após ano estudando e fazendo mudanças para tornar mais atraente para o público. (BASSO, 2014, p. 19).

O senhor Léo Fraga em seu depoimento destaca que a FIFUSA desgastou muito as relações com as confederações, segundo ele a entidade era muito devagar, a sede era uma “salinha” na Federação Paulista de Futebol, o presidente era brasileiro. Ele complementa alertando que através da FIFA, viu-se a oportunidade de ampliar e tornar olímpico o esporte. Para Léo, se tivesse como departamento da CBF o futsal evitaria roubos:

[...] a família Borba que comandava a CBFS, tanto que está estourando denúncias e perda de patrocínios na CBFS. A FIFA viu que o futebol de salão é derivado do futebol, assim entendeu que pertencia a ela a gerência dele e do futebol de areia também, Então,

estabeleceu uma data e partir dela foram unificadas as regras e ela assumiu o controle. (FRAGA, 2014, p. 6).

Ortiz explica o sentimento que se tinha quanto à mudança: “A expectativa de todos nós atletas, dirigentes, torcedores era que, com a FIFA, o futebol de salão iria ser olímpico já nas próximas olimpíadas. No caso, era a de 1992.” (ORTIZ, 2014, p. 12). Ideia esta que concorda com a declaração do senhor Tulio Casapiccola, que, em sua entrevista, alertou a certeza que se tinha de o futsal participar como esporte convidado nos Jogos Olímpicos de 1992 em Barcelona (Espanha) para, nos Jogos de 1996 em Atlanta (EUA), ser efetivado como esporte olímpico. Nas palavras do senhor Tulio: “Os primeiros passos haviam sido dados para ser olímpico e a expectativa era que entrasse naquelas próximas olimpíadas” (CASAPICCOLA, 2014, p. 17).

Ao observar os discursos dos entrevistados, nota-se que o principal motivo da mudança para FIFA era que, através da sua força, ajudasse o esporte a se tornar olímpico e, como se percebe, isto não se conseguiu até hoje. Entretanto, nos depoimentos também se entende que a FIFA ajudou em parte, porém, talvez por esta visão do futsal como um produto, tenha se perdido um pouco a identidade do desporto ao ser priorizado o lado comercial e não o esportivo.

Ortiz declara em seu depoimento acreditar que se o futsal não ingressar nos Jogos Olímpicos aqui do Brasil, no Rio de Janeiro, nunca irá fazer parte dos Jogos. Quanto a esta questão, já está confirmado que não haverá esporte de demonstração nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Ao observarmos os Jogos Olímpicos anteriores, no de Londres 2012 foram inclusos o golfe e o rúgbi de sete (rugby sevens) como esportes de demonstração.

Quanto ao futsal não ser olímpico, o professor Morruga comenta:

[...] quanto esta questão de virar olímpico, hoje não há interesse político interno da FIFA em tornar o futsal olímpico. Existe uma preocupação: se é para ter o futsal, não teria o futebol nas olimpíadas. Se a FIFA quisesse, hoje já seria olímpico, pois tem todas as exigências. Para mim, o futsal tomou um patamar tão grande, que não tem a necessidade para crescer mais do que está e ser olímpico. Exemplo, o handebol é olímpico, porém não consegue tanto espaço no Brasil. Hoje, segundos dados do Sportv, o futsal é o segundo esporte com mais audiência, atrás apenas do futebol.

Lembro das transmissões aos sábados e terça feiras.(BASSO, 2014, p. 18).

Quanto ao panorama internacional do futsal, o professor Carlos Lopes Lopes (Camarão) explica que, ao acompanhar sua esposa em 1993 na Itália, viu que o futsal estava começando naquele momento. Camarão diz que até hoje a FIFA não organiza o mundial de clubes. Em vez dela, é uma empresa de comunicação da Espanha que organiza. Não tem interesse em fortalecer a modalidade. Ele vê como positivo o ingresso da FIFA, pois agora os países estão jogando com as mesmas regras. Acerca de haver eliminatórias aqui no Brasil, ficou um pouco complicado, porque não é um departamento da Confederação de Futebol como em todos os outros países do mundo.

O entrevistado José Rech (Cocão) vê bons aspectos na questão da internacionalização através da FIFA. Segundo o entrevistado, o lado positivo foi que atingiu outros países. Ele relata que em sua época de atleta na seleção brasileira, que foi antes da FIFA, era só sul-americano. Ressalta que hoje existe os mundiais. No entanto, Cocão também vê desvantagens neste processo de comando da FIFA: “Com a FIFA vejo que descaracterizou o esporte, fez mal, regrediu. O time tem que ser uma máquina, muito físico, troca o time inteiro, substituições ilimitadas, se perdeu a essência” (RECH, 2014, p. 03). Ainda nesta linha, o entrevistado Danilo Martins critica a FIFA quanto às mudanças:

Eles não estudaram estas mudanças. Em todos os aspectos, vejo que perdemos com esta mudança para a FIFA. Isto de estar difundido é questionável, no Kuwait não tinha bola de futsal para vender, e se for olímpico já sabemos que Brasil ou Espanha ganharão, então é uma medalha dirigida e o COI não quer isto, não é ético. Esta ideia da FIFA tornar olímpico foi vendida, no papel muito bonito, mas o que aconteceu na prática foi totalmente o contrário [...] (MARTINS, 2014, p. 05).

O depoimento de Danilo também cita uma informação comum nas falas dos outros entrevistados, que, anteriormente da FIFA e do futsal, a FIFUSA já estava mudando o que achava necessário para melhorar o futebol de salão. Para Danilo, estas mudanças estavam sendo feitas por quem via na prática, mudanças boas, que segundo sua opinião a FIFA destruiu este processo.

Outra crítica de Danilo é quanto à perda na formação de atletas no Rio Grande do Sul. Ele cita:

[...] um diretor dizia que por que iria formar se ele poderia comprar. A FIFA inventou o futebol cinco para tentar enfraquecer o crescimento do futebol de salão e daí depois criou outro esporte, o futsal e praticamente acabou com o futebol de salão. Nós fomos usados pela FIFA e ficamos sobre o domínio deles. O leigo não sabe que ainda existe o futebol de salão, que é diferente do futsal. Com a FIFUSA, teríamos a oportunidade de convencimento para ser olímpico [...] (MARTINS, 2014, p. 05-06).

O senhor Paulo Veck opina que, com a FIFA, o futsal ficou caro e isto fez encerrarem a participação nas competições dos clubes sociais. Além disso, as prefeituras que ajudavam, acabaram recuando. Ainda quanto à transição do futebol de salão para o futsal, ele comenta: “Na época se falou que a FIFA teria comprado os dirigentes que decidiam o rumo do futebol de salão, e eu, Paulo Veck, penso que foi isto realmente que aconteceu, porque dinheiro e interesse eles tinham para isto” (VECK, 2014, p. 04).

Na opinião do senhor Paraguassú, o processo de mudança para a FIFA foi válido. Segundo ele foi boa à mudança para a FIFA, pois a FIFUSA era restrita a América do Sul, portanto apenas com filiados apenas sul-americanos. Portanto, segundo seu depoimento, os dirigentes resolveram migrar para a FIFA na expectativa da modalidade virar olímpica. Ele salienta a importância da FIFA na unificação das regras e posteriormente por meio de cursos específicos para os árbitros, do quais ele participou. Léo Fraga em seu depoimento vai além:

Não adianta nivelar por cima se não tem estrutura, a FIFA radicalizou. Difícil explicar para os clubes que não tínhamos bola para cobrar algum dinheiro da televisão. Tive que explicar que eles ganhariam com os patrocinadores ao colocar placas no ginásio. Me lembro de uma final em Uruguaiana, era entre Uruguaiense x Enxuta, tinha sete mil pessoas no Ginásio e vinte mil no telão na rua, gente de todo o lugar para ver [...] (FRAGA, 2014, p. 23-24).

Paulo Veck destaca que a CBFS achou uma boa ir para a FIFA para unificar as regras e levar o esporte para todo o mundo, a FIFA teria este alcance. Disse ainda que, na realidade, não funcionou. Citou a França e a Alemanha, sem representação no esporte. Na opinião dele, as mudanças fizeram muito mal:

[...] o que a FIFA coloca a mão vira ouro, eu comecei a ter motorista para me pegar no aeroporto, hotel de luxo, mas a modalidade regrediu. Eu tenho na minha cabeça que o grande crescimento do futebol de salão assustou a FIFA, daí eles não deixaram crescer, não deixaram deslanchar. (VECK, 2014, p.07).

As mudanças desta transição da CBFS da FIFUSA para a FIFA tiveram um considerável impacto na comunidade salonista tendo em vista que o debate concentra-se em relação às diferenças entre as regras do futebol de salão em comparação com o futsal. Por isto, através dos depoimentos dos entrevistados, resolve-se elaborar o próximo subcapítulo no qual são discutidas as principais mudanças apontadas.

5.1 REGRAS ESPETECULARIZADAS

As mudanças de regras no próprio futebol de salão e suas diferenças quanto às do futsal são um importante elemento a ser observado neste processo de criação do futsal assim como as mudanças de regras que o próprio futsal sofreu, mesmo com sua curta existência. Deste modo, este subcapítulo concentra-se em descrever as principais mudanças nas regras.

Estes apontamentos ajudam a compreender as opiniões dos entrevistados acerca deste processo de mudanças de regras do futebol de salão para o futsal. Um modo de apresentar as diferenças dessas práticas é comparando as regras de cada uma. Ao analisar as particularidades dessas práticas por meio das suas regras – embora elas mantendo sua essência comum – percebemos diversos pontos que as distinguem.

Contudo, é válido pontuar que o futsal, com uma bola mais leve e com a valorização do uso dos pés, adquiriu maior semelhança com o futebol de campo e ganhou maior dinâmica com as novas regras que o tornaram mais ágil como, por exemplo, permitir que o goleiro atue como um jogador de linha quando ele está fora da sua área. Já o futebol de salão, buscando sempre preservar as regras originais, manteve mais as características de um esporte *indoor*, com um jogo mais no chão, reduzindo o jogo aéreo devido ao peso da bola, com laterais e escanteios cobrados com as mãos para maior controle e limitações à movimentação tanto do goleiro, restritos à sua área, como dos demais jogadores.

Dessa forma, a dinâmica do jogo em uma e outra modalidade tornou-se sensivelmente diferenciada. Basicamente são apenas oito regras, além de todo um arsenal de regulamentações. Contudo, essas regras são o suficiente para diferenciar em muito essa modalidade do popular futsal.

Desse modo, fica claro que as histórias do futebol de salão e do futsal se cruzam fortemente, porém, são práticas esportivas distintas. Realmente existe um senso comum de que elas são o mesmo esporte, muito por ter havido uma espécie de “substituição” do futebol de salão pelo futsal. Assim, pouco se tem notícias do “Futsal FIFUSA”, que corresponde ao antigo futebol de salão.

Um exemplo de como as discussões relacionadas a essas práticas diferentes estão em evidência atualmente, é de uma reportagem atualizada no mês de maio de 2014 no site “globoesporte.globo.com”. No texto assinado por Flávio Dilascio e

intitulado: “Em meio à crise da CBFS, movimento tenta resgatar o ‘futsal à moda antiga’ “.

Nessa reportagem, é abordada a questão da crise que se encontra na relação da CBFS com alguns atletas da seleção brasileira da modalidade. No texto, é exaltado que o futebol de salão, referenciado como “futsal à moda antiga”, poderia ganhar mais espaço nesse cenário de conflito. Na reportagem também é lembrado que esse esporte não é o mesmo que o futsal e que existe muito antes desse, possuindo competições internacionais e que o Brasil também tem uma seleção nacional para disputá-las.

Assim também é apontado o desconhecimento dessa prática e o interesse de seus dirigentes em ampliá-la. O debate é pertinente e as informações do presente trabalho vêm para contribuir exatamente nesta questão da coexistência do futebol de salão para o futsal.

Todos os entrevistados do estudo mencionaram que mudanças nas regras já vinham acontecendo antes de surgir o futsal. Porém, é importante entender que tanto em comparação com o futebol de salão quanto consigo próprio, o futsal teve inúmeras alterações nas suas regras.

Como Mutti (1994, p. 215) aponta, as regras de futsal alteraram-se constantemente durante a sua curta história como nas palavras do autor: “no sentido de deixá-lo ainda mais atraente, ágil e dinâmico”. Mudanças ocorreram desde a regra número um, com o aumento da quadra de jogo até a regra 17 com o arremesso de canto sendo cobrado com os pés. Este apontamento do autor incentiva a analisar as transformações pelas quais as regras passaram ao longo do processo de desenvolvimento do futsal.

Os entrevistados destacam alguns pontos desta mudança. Quanto à consequências mais observadas pela transição, Ortiz disse que através da FIFA se unificou as regras, pois os países jogavam diferente. Ele explica que “com a criação do futsal e este ingresso da FIFA, houve sim uma diminuição no número de equipes participantes, claro que as novas exigências da FIFA pesaram, no entanto em minha opinião a questão financeira foi mais decisiva. Eu cheguei a jogar estadual com 40 equipes, hoje temos 12, 14 na série ouro”.

Os entrevistados também deixam claro em seus depoimentos que houve uma tolerância na exigência destas mudanças no estado. Por exemplo, na segunda

divisão, a série prata, não precisava ser do tamanho exigido na série ouro e na própria ouro também aconteceram ajustes.

Todavia, as mudanças provocam um debate interessante, como salienta Ortiz: “Então avaliando o todo, acredito que eram necessárias as modificações e a mudança para a FIFA valeu, porém descaracterizou um pouco o esporte, talvez não ter aumentado tanto a quadra já ajudasse neste processo”.

Esta mudança da quadra certamente teve um maior impacto. Como aponta Santos (2001), em 1988 uma importante mudança ocorreu com a passagem da marca de penalidade máxima de 7 metros para 6 metros. A seguir, em 1991, a quadra de jogo sofreu um aumento, passando de 42 metros de comprimento e 22 metros de largura em suas medidas máximas e a área de meta aumentou também em 2 metros passando para 6 metros. Cabe lembrar que no futebol de salão a maioria das quadras do Rio Grande do Sul tinha 28 ou no máximo 32 metros.

O presidente da Federação Gaúcha na época das mudanças, senhor Tulio Casapiccola, em seu depoimento, reforça que principalmente a exigência da FIFA quanto ao tamanho das quadras excluiu muitas equipes do esporte: “Estas exigências dela (FIFA) mataram nosso esporte, acabaram com ele, pois muitos não tinham como adequar-se a elas”.

O entrevistado professor Renato Lopes (Camarão) comenta que as mudanças da FIFA visavam tornar mais interessante o jogo para o público. Segundo ele, a FIFA percebeu que não tinha mais margem de crescimento no futebol masculino, então, resolveu tentar o futsal, o futebol de areia e o futebol feminino.

O senhor José Antônio Rech (Cocão) em seu depoimento declara: “foi muito ruim a mudança, hoje é uma correria danada. E vejo que foi ruim, porque o principal era para ser olímpico e isto não se atingiu, então fracassou neste ponto que era o principal”.

Na opinião de Morruga, as mudanças da FIFA foram positivas, tanto para quem joga quanto para quem assiste: “sempre foi um jogo bom de jogar e olhar, mas estas mudanças tornaram mais vistoso e proporcionou vantagem para muitos, pois se abriu funções como o treinador de goleiros, fisiologista entre outros cargos” (BASSO, 2014, p. 09).

Quanto às primeiras bolas da modalidade no Rio Grande do Sul, Brito e Bruscato (1995) lembram que eram feitas de cortiça ou de crina, sendo essa do pelo

do pescoço e da cauda do cavalo ou de outros animais. Ainda quanto a isso, os autores destacam que a bola pesava cerca de 500 a 550 gramas e sua circunferência era de 55 centímetros.

Ilustração 9 – Uma das Primeiras Partidas de Futebol de Salão em Porto Alegre



Fonte: Acervo Particular de Tulio Casapicola

Com a criação do futsal, foi idealizada uma bola mais leve que após a sua criação ainda sofreu mudanças. Entre suas alterações de medidas aumentaram a sua circunferência e perda de peso em 1994 e 1996. Em 1996, ela perdeu cerca de 100 g de peso em relação a 1994. Segundo o livro de regras da CBFS, atualmente para categorias adultas a regra é de no mínimo 62 cm e no máximo 64 cm de circunferência e quanto ao peso é de no mínimo 400 gramas e no máximo 440 gramas.

Uma mudança que o entrevistado Cocão destacou foi referente ao atual número ilimitado de substituições. Para ele, o treinador não pensa tanto quanto poderia pensar com esta situação e também diz que os jogadores muitas vezes sentem o “entra e sai” do jogo. Conforme o estudo de Santos (2001), o número de substituições de atletas era limitado a 5 atletas durante a partida até o ano de 1987, passando para 7 em 1988, para 10 em 1990, para 12 em 1991. Após essas mudanças, em 1992, elas passaram a ser ilimitadas durante a partida, sem a necessidade da paralisação para que ocorresse a substituição. Essas são as chamadas substituições volantes.

O senhor Paraguassú cita que, no início, a arbitragem era igual ao futebol, um árbitro e dois bandeirinhas. Entretanto, depois se viu que, como é um esporte rápido, seria melhor uma arbitragem como a do basquete. Deste modo, dois árbitros principais trabalhando em diagonais, assim, um sempre vê o lance. A mudança nesta regra foi a introdução de dois árbitros para dirigir uma partida no ano de 1994. Isso ocorreu, porque, anteriormente, a arbitragem da partida era feita por um árbitro de um lado da quadra e por dois auxiliares (bandeirinhas) posicionados na outra lateral e próximos da linha de fundo.

Segundo Santos (2001), o abandono dos árbitros auxiliares também foi devido às mudanças da regra em relação à validade do gol dentro da área de meta em 1990 desde que o jogador não estivesse impedido. Dessa forma, para que o gol fosse válido, o jogador só poderia receber a bola dentro da área de meta desde que fosse vinda de uma bola que já estivesse em jogo. Se o atleta recebesse a bola dentro da área vinda de uma reposição de bola (arremessos de meta, lateral canto ou uma cobrança de falta) não seria válido o gol e, somado a isto, principalmente porque em 1992 a lei do impedimento é retirada e o gol dentro da área de meta é válido em qualquer situação desde que respeitadas às regras do jogo.

Quanto às faltas e incorreções, o senhor Paulo Veck menciona as principais mudanças feitas nas regras: a movimentação do goleiro e o encerramento do cartão azul. Como aponta Santos (2001), em 1990 o atleta que devolvia a bola para o goleiro pela segunda vez era punido com uma falta pessoal e a reposição de bola era feita por um arremesso lateral pela equipe contrária. Em 1997, a anotação da falta em súmula pelo recuo da bola pela segunda vez para o goleiro passou para o atleta que fez o recuo e a falta passou a ser cobrada na risca da área de meta.

Ainda, segundo o mesmo estudo, em 1994 o cartão azul é abolido e as reposições de bola e o tempo de permanência da bola dentro da própria área de meta passaram para 4 segundos. O goleiro passou a poder atuar fora de sua área de meta, mas com um limite de 4 segundos em qualquer parte da quadra em 1997. No ano 2000, o goleiro passou a poder arremessar a bola com as mãos ou com os pés dentro de sua área de meta por sobre a linha central da quadra sem que ela tenha tocado em seu campo de defesa antes.

Talvez a diferença mais marcante visualmente foi a respeito dos arremessos laterais e de canto. O entrevistado Morruga comenta que há uma discussão atual para que pelo menos os laterais voltem a ser cobrados com as mãos. Importante esclarecer que tanto o arremesso lateral como o de canto passam a ser cobrados com o pé em 1994 e, em 2000, passa a ser válido o gol originado de um arremesso de canto direto para o gol, o gol olímpico (SANTOS, 2001). Ao analisar tanto as mudanças que diferenciam o futebol de salão do futsal quanto as que o futsal sofreu ao longo de sua história, fica claro que se procurou tornar o esporte mais dinâmico e favorecer as marcações de gols.

O aumento da quadra juntamente com uma maior movimentação do goleiro, substituições ilimitadas e sem parar o jogo, laterais e escanteios ao invés de serem realizados com as mãos passaram a ser feitos para os pés certamente deram uma maior dinâmica ao jogo. Isto leva à reflexão, questionando se as mudanças foram pensando em tornar o futsal mais atrativo para o público e assim um produto melhor para a FIFA vender o que o futebol de salão era.

Esta ideia de que as mudanças de regras foram visando tornar o jogo mais dinâmico e melhor para se assistir são compartilhadas em alguns dos depoimentos dos entrevistados. Como Ortiz comentou:

Na minha concepção as mudanças de regras foram visando tornar mais atrativo o jogo. Eram muito cansativos, devolução com o goleiro, então para ter mais gols e tornar mais dinâmico as mudanças. Particularmente, penso que muitas das mudanças acabaram fazendo perder um pouco da identidade do esporte, antes, como se dizia, tinha que driblar o adversário em uma lajota, hoje muito físico se perdeu a criatividade. Acho que não precisava aumentar tanto o tamanho da quadra. Hoje o grande momento é o goleiro linha e poucos jogadores que fazem algo diferente que chame a atenção do público, só o Falcão! (Ortiz, 2014, p. 17).

Ortiz também lembra que as novas mudanças eram feitas a cada ano, inclusive na bola. Sendo o próprio, em 1993 foi mais claro as mudanças de regras do futsal, por exemplo, neste ano fizeram uma bola meio termo, comparada ao futebol cinco e o futebol de salão, assim nascia uma bola específica para o futsal. Isto lembra a declaração do entrevistado o senhor Laerte Pinheiro, quando certa vez ele estava acompanhando a delegação da seleção brasileira de futsal e citou uma história que, neste jogo da seleção, um representante da televisão pedia para colocar o jogador Falcão no jogo, porque a audiência caía muito quando ele saía.

Em seu depoimento, Morruga cita que a FIFA queria ter um espetáculo, proporcionar mais alegria, mais emoção, tornar vendável para a mídia:

A FIFA vende para quem? A mídia. Esta ideia de espetáculo torna bem claro, você não vai ao um show de um cantor de uma hora e vai ver ele cantando apenas 40 minutos. Por exemplo, futebol com paralizações e faltas, o futsal cronômetro parado e torna o mais emocionante possível. Este foi que norteou a FIFA, tornar o futsal um produto que desse lucro. A FIFA é uma empresa e como todas visa o lucro. (BASSO, 2014, p. 15-16).

O presidente na época da mudança do futebol de salão para o futsal, senhor Tulio Casapicola, salienta que em 1984 começaram as mudanças no futebol de salão, regras já estavam mudando para evoluir o jogo antes da FIFA assumir o comando da modalidade. O entrevistado José Antônio Rech (Cocão) cita em sua entrevista que para a realização das mudanças de regras poderiam ter chamado

atletas, treinadores, ex-atletas, em sua opinião isto facilitaria o processo. Quem também citou esta questão foi o entrevistado Paulo Veck:

Teriam que ter ouvido os estudiosos e não dizer amém para as mudanças da FIFA. Não foram mudanças sugeridas por árbitros, atletas ou técnicos. Se tivesse continuado com a FIFUSA, tenho certeza que hoje estaríamos muito melhor e acho que olímpico também. (VECK, 2014, p. 07).

O entrevistado senhor Paraguassú, assim como Veck, foi árbitro e menciona detalhes neste processo da mudança. Segundo ele público queria ver gol, então a FIFA procurou tornar mais interessante para quem assistia. Antes, em sua visão, não se tinha quase gol: “os jogos terminavam 1x0, 1x1. Foi enviado um livro de regras novos e comunicado cada equipe da mudança, mas não consultaram ninguém e nem antes comentaram” (FIGUEIREDO, 2014, p. 03). Assim, apenas foi repassada a informação de que agora se chamava futsal e a FIFA iria comandar. Isto fez que em 1990 já estivesse sendo cobradas no estadual do Rio Grande do Sul as regras FIFA.

O depoimento do entrevistado Léo Fraga aborda tanto a questão de tornar o esporte um “melhor espetáculo” quanto também ter se descaracterizado as marcas do futebol de salão:

Não houve uma reinvenção do futebol de salão, a FIFA criou outro esporte. O que se tinha era um futebol arcaico não era atraente. A FIFA quis tornar plasticamente bom, atrair a mídia e as empresas para o esporte. As mudanças foram visando à melhoria da visibilidade, mais emoção. Mudanças para ter mais gols para despertar mais interesse de investidores também. (FRAGA, 2014, p. 13-14).

Mas o senhor Léo Fraga também vê uma descaracterização na modalidade, citando que: “hoje só temos o Falcão com uma habilidade diferente, antes tínhamos mais jogadores que davam show” (FRAGA, 2014, p. 14).

O professor Carlos Lopes (Camarão) alerta que os espanhóis comandaram estas mudanças de regras:

[...] pressionaram a FIFA, eles estavam cansados de perder para o Brasil. Então, começaram a analisar o que poderiam mudar, e o tamanho de quadra seria a principal, para tentar controlar o jogo brasileiro. O tamanho definido, o da quadra de handebol, que eles já tinham inúmeros ginásios e nem precisariam adaptar para esta mudança. Aí sendo o tamanho FIFA 40x20 metros, a maioria no Rio Grande do Sul era de 28 metros de comprimento, fez muitas equipes encerrarem as atividades do futsal, porque seu ginásio não era apropriado [...] (LOPES, 2014, p. 02).

Paulo Veck alerta que, em 1990, foi a mudança radical e que os árbitros tinham que ir orientando os jogadores e dirigentes, sendo tudo novo para todos. Para o outro árbitro entrevistado, o senhor Paraguassú, a mudança de regras foi benéfica para a modalidade, como diz: “A mudança foi boa também para se ter mais jogadas bonitas, menos contato, antes dava muito choque, com as mudanças se criou mais espaço para jogar”.

Interessante observar que esta concepção de alterar as regras buscando um melhor espetáculo, procurando proporcionar mais emoção ao público, é comum em outros esportes também. Entre eles, pode ser citado o caso da National Basketball Association (NBA), que é principal liga de basquete dos Estados Unidos e também o caso da Fórmula 1.

Morruga alerta que: “todas as mudanças geram alguns problemas e difícil agradar a todos, também tem o ponto de o novo assustar muitas pessoas, daí elas se afastam. Mas acho que o futsal evoluiu bem, eram necessárias estas mudanças que a FIFA proporcionou, por uns dez, quinze anos acho que o futsal ficou sem uma identidade, devido a todo ano mudar as regras e torcedor sente isto, mas hoje sem mais mudanças significativas e bem definidas. Com certeza mudanças afetara muitos, mas era necessário, exemplo do vôlei que mudou também e deu certo. Quando o futebol mudou as regras? O prejuízo maior da queda do esporte no Rio Grande do Sul foi devido à questão financeira, taxas e valores altos para montar uma equipe competitiva”.

A respeito destas questões relacionadas a investimentos, participação de empresas, juntamente com maior interesse da imprensa onde se inclui transmissão de jogos pela televisão, irão ser discutidas no próximo subcapítulo. Inclusive, serão

abordados fatores como o processo de profissionalização e também a contribuição dos clubes *Sport Club* Internacional e do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre para o desenvolvimento e consolidação do futsal.

5.2 INDÍCIOS DA PROFISSIONALIZAÇÃO NO FUTSAL

Ao analisar os depoimentos dos entrevistados e jornais da época percebe-se que o processo de profissionalização começou no final da década de 1980 no Rio Grande do Sul. Portanto, ainda quando se praticava o futebol de salão no estado.

Um conjunto de fatores interligados contribuiu para estes grandes avanços da modalidade do qual se podem citar: participação das equipes do *Sport Club Internacional* e Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre, ambas de Porto Alegre e com grande apelo vindo do futebol; o maior investimento de empresas na modalidade, sendo pioneira no estado a Enxuta de Caxias do Sul⁵; maior interesse e divulgação da imprensa da modalidade e as transmissões pela televisão. Fica claro que um fator contribui para o outro. Em vista disso, é difícil elencar uma ordem, pois com a força das empresas, a imprensa viu vantagens, o que também estimulou um maior interesse de patrocinadores. Ainda um ponto a se considerar é a eminente possibilidade do esporte virar olímpico e ganhar a chancela da FIFA, o que gera outros elementos incentivadores para o crescimento e visibilidade da modalidade.

Entre os fatores citados como marcos neste processo de afirmação do futsal no cenário esportivo sul-rio-grandense, inicia-se abordando o papel das equipes do Grêmio e do Internacional. Tanto o Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre quanto o *Sport Club Internacional* – clubes tradicionais do futebol – tiveram passagem importante ao longo da prática do futebol de salão em um primeiro momento e depois a do futsal (o Internacional por mais tempo e com maior destaque). Nas falas dos entrevistados, percebemos o quanto a dupla Gre-Nal contribuiu para o desenvolvimento do futsal.

Assim como a maioria dos entrevistados, Ortiz também destacou a importância de Grêmio e Internacional para a difusão da modalidade:

[...] o futsal da dupla Gre-Nal ia onde o futebol não ia. Então, através do nome da equipe, os torcedores iam em massa, grandes festas dos consulados de cada cidade. E a cidade recebendo aquele movimento, o time jogando contra a dupla Gre-Nal, se animavam,

⁵ Para maiores informações a respeito da equipe da Enxuta, ver o estudo: “A História do Futebol de Salão em Caxias do Sul (1962-1996)” de Gerard Fonseca.

estimulava a ter uma equipe na cidade e a olhar para o esporte [...] (ORTIZ, 2014, p. 24).

Ele complementa alertando quanto a evolução que existiu no início de década de 1990, e depois a regressão. Onde o mesmo exemplifica, lembrando que chegou a se ter televisão aberta transmitindo jogos do estadual de futsal do Rio Grande do Sul. Para ele a dupla Gre-Nal atrai um grande espaço das mídias e conseqüentemente para a modalidade que esteja envolvida. O professor Morruga acrescenta que o Grêmio e o Internacional ajudaram muito na divulgação do desporto:

Hoje quem assiste futsal é quem gosta da modalidade, o cara que é torcedor do Grêmio ou do Inter, não interessa o que estão jogando ele se identifica sendo a equipe dele e vai torcer, acompanhar. A dupla Gre-Nal ia em cidades como Horizontina, Uruguaiana, Carazinho, lugares que o futebol não jogava. E sempre era casa lotada em qualquer jogo da dupla Gre-Nal. Os maiores públicos do futsal foram quando envolveu times de camisa, o Inter no Gigantinho, Vasco e Atlético Mineiro. Tanto que a Federação gaúcha já tentou algumas vezes alugar a camisa da dupla Gre-Nal, porque o nome deles pesa muito. (BASSO, 2014, p. 18).

Assim como todos os outros entrevistados, Morruga cita que, com a saída do Inter, perdeu-se a referência. Morruga ainda faz a comparação como se o jogador Falcão saísse hoje, assim teria que se buscar outra referência.

O entrevistado Cocão aponta que quando Grêmio e Inter não jogaram mais, a capital sentiu o fato. Destaca ainda que a capital tem um peso muito grande no cenário esportivo do Rio Grande do Sul e até hoje não possui nenhum ginásio do tamanho exigido pela FIFA. Segundo ele, os clubes sociais também encerraram, por não ter o espaço adequado e também devido ao alto preço de taxas. Ainda quanto à dupla Gre-Nal, Cocão comenta que o Grêmio saiu em 1990 e o Internacional em 1991. Posteriormente, o Internacional retorna com uma parceria juntamente com a Ulbra. A respeito deste tópico, professor Carlos (Camarão) lembra:

Grêmio e Internacional viajavam na sexta para o interior e era um jogo por dia em cada cidade, uma na sexta, um no sábado e um no

domingo. Isto promovia muito o futsal. Quando profissionalizou, o Grêmio saiu em seguida. O Inter balançou depois, pois jogadores colocando na justiça, isto atrapalha uma possível volta. Além de não quererem investir na modalidade. A queda foi muito por dívidas no interior, problema na Federação Gaúcha, o presidente não apresentava as contas. Teve aquele caldeirão início dos anos 90 e no final deles começou a notar-se uma queda no futsal do RS [...] (LOPES, 2014, p. 13).

O ex-presidente da Federação Gaúcha de Futebol de Salão, Léo Fraga, discorda e menciona que a passagem do Grêmio foi curta. Já no Inter, como os dirigentes gostavam, durou mais tempo: “Eu falando por meio da Federação, digo que Grêmio e Inter sugam tudo, eles querem todas as vantagens possíveis, o que atrapalha as outras equipes” (FRAGA, 2014, p. 25).

O senhor Paulo Veck relata que viajava junto com as excursões do Grêmio e do Inter:

Era coisa de outro mundo, todas as cidades paravam. Era um grande acontecimento os jogos deles no interior. Carreatas desde a chegada e em tudo que lugarzinho do estado. Quando eles saíram, enfraqueceu na capital, na verdade terminou na capital e isto afetou o estado inteiro. (VECK, 2014, p. 19).

O senhor Paraguassú também vinculado a arbitragem saliente que a dupla Gre-Nal era o “trem pagador” das equipes do interior, então fizeram muita falta quando se afastaram.

Paulo Veck utiliza a dupla GRE-NAL para exemplificar como as mudanças da FIFA afetaram o esporte no Rio Grande do Sul:

O ginásio do Rosário era a meca do futebol de salão. Nos Gre-Nais, tinha gente que não conseguia entrar, porque lotava muito. Com as mudanças de padrão FIFA, se perdeu o futebol de salão na capital. Alegrete e Uruguaiana que eram referência também saíram pelas mudanças exigidas pela FIFA. Muitas até hoje não tem mais equipes ou por exemplo, Pelotas tinha oito equipes nas categorias de base hoje deve ter no máximo duas. (VECK, 2014, p. 19-20).

Ilustração 10 – Equipe do *Sport Club* Internacional disputando o Gre-Nal no Colégio Rosário na Década de 1980



Fonte: Acervo da Federação Gaúcha de Futebol de Salão

Tão importante quanto o Inter e o Grêmio, a Enxuta de Caxias do Sul desempenhou um papel pioneiro e de extrema relevância. Morruga lembra como o proprietário da empresa Enxuta, senhor Paulo Triches, começou esta proposta de divulgar a empresa por meio de uma equipe de futebol de salão que, poucos anos depois, acompanhou a mudança e virou de futsal: “Em 1986 o senhor Paulo Triches convidou o time da Bradesco do Rio de Janeiro para fazer um jogo amistoso que marcaria a inauguração de um ginásio. O time dele parece que perdeu por 7x0 e ele ficou encantado com o time da Bradesco. Disse que era aquilo que queria para o

time dele, daí, no final de 1986, já contratou o treinador e dois atletas da Bradesco e 1987 foi o ano que começou a profissionalização para valer, com treinos dois turnos”. Esta informação do professor Morruga concorda com os depoimentos dos outros entrevistados e os achados do estudo.

Ainda em seu depoimento, Morruga salienta que:

[...] a Enxuta percebeu este potencial no futsal e através do seu time promoveu a linha de produtos inovadores. Os atletas eram a cara da empresa, então nós todos tínhamos que jogar de barba feita e ter uma conduta correta dentro e fora de quadra. E para você difundir uma marca, quer ter uma equipe vencedora, então investimento alto e deu certo. A partir daí muitas outros começaram a seguir este modelo no Rio Grande do Sul e assim o futsal ficou muito forte no estado [...] (BASSO, 2014, p. 22).

Quanto à Enxuta, o entrevistado Danilo enfatiza:

“A Enxuta balançou o coreto, sacudiu o esporte. Realmente revolucionou. Preparação dos atletas, melhores profissionais, alto padrão. Daí os outros começaram a copiar para tentar competir” (MARTINS, 2014, p. 25-26).

Paulo Veck menciona que: “os eventos para o Rio Grande do Sul quem trazia era a Enxuta. Ela era muito organizada e investia bastante. A Federação era incompetente” (VECK, 2014, p. 18).

Contudo, esta “revolução” promovida pela Enxuta também resultou em mudanças na Federação Gaúcha de Futebol de Salão, como aponta o senhor Léo Fraga:

[...] a Enxuta estava muito acima do Juventude e do Caxias, conseguiu um destaque exorbitante. E com esta profissionalização da Enxuta e outras equipes, vi que a Federação gaúcha tinha que se adequar a este novo ritmo. Então nos reorganizamos, formação de árbitros, a aproximação com a televisão e imprensa geral. O ginásio um lugar acolhedor, olha outros estados, ginásio muito quente, não circula ar. Rio Grande do Sul lugar certo para o futsal. (FRAGA, 2014, p. 28.)

Quanto à questão da profissionalização, todos os entrevistados concordam que este regime de treinar em dois turnos todos os dias, começa em 1985 com o Bradesco no Rio de Janeiro. Como ela obteve resultados significativos, logo depois surgiu a equipe da Perdigão de Videira em Santa Catarina e a Enxuta em Caxias do Sul. A equipe de Caxias, antes conhecida como Triches, inicia este processo no final de 1986.

Após esta mudança do futebol de salão para o futsal no Rio Grande do Sul e a FIFA ocupando o papel de gerenciadora da modalidade, novas empresas se interessaram em investir no futsal. Dentre os motivos podemos acrescentar a grande possibilidade de o futsal virar esporte olímpico a qualquer momento.

Ortiz relata que empresas viram como uma boa oportunidade de retorno, mas também teve crises dos funcionários das empresas em relação aos investimentos nos times de futsal. Ele ainda acrescenta que, através do marketing, as empresas viram o retorno e elas acabaram ajudando a modalidade também – empresas como Penalty e a Dal Ponte. Em suas palavras: “[...] bom para todos os lados. Elas contatavam os atletas, então teve o meu tênis, o do Morruga, do Jackson, o do Douglas” (ORTIZ, 2014, p. 22). Cabe mencionar que estes tênis receberam grande espaço de publicidade, inclusive com comerciais em redes nacionais de televisão.

O depoimento de Morruga corrobora com estas informações, sendo que, para ele, em 1990 o futsal assumiu o posto de segundo esporte no Rio Grande do Sul. As empresas, como a Penalty começaram a procurar os atletas bem ali quando a FIFA assumiu o controle. Paulo Veck em seu depoimento destaca: “Dal Ponte e Penalty ajudaram e foram ajudadas. A Dal Ponte ganhou espaço no país inteiro através do futsal do estado. Começou com a Enxuta, depois com a Federação Gaúcha e ampliou para federações de outros estados”. (VECK, 2014. p. 19-20).

Ilustração 11 – Propaganda do Tênis Oficial da Federação Gaúcha de Futebol de Salão

all latex
O tênis oficial da Federação Gaúcha de Futebol de Salão

Indústria de Artigos Esportivos Ltda.
Rua Santa Virgínia, 241 — Fone: 2965699 — CEP 03084 — Tatuapé — São Paulo
Repres. no RGS — Stahl Rep. Ltda Rua Vig. José Inácio, 295/806 - Fone 21.0176 - POA - RS

2

FUTSAL — Informativo FG.F.S.

Fonte: Jornal Futsal

Como o senhor Paraguassú cita, estas empresas se beneficiavam ao fornecer os produtos oficiais para Federação Gaúcha de Futebol de Salão:

Era bom para as empresas que patrocinavam e também para a Federação que vendia bolas para as equipes e fazia um caixa. A Dal Ponte é um caso que ninguém conhecia a empresa. A primeira bola que eles fizeram era muito ruim, mas foram ouvindo as sugestões e viraram uma grande empresa. (FIGUEIREDO, 2014, p.21).

Ortiz concorda que, com o alto investimento das equipes do Rio Grande do Sul, o estado se tornou polo dos melhores atletas e, assim, a televisão e a imprensa

dando grande atenção, estimulava os investimentos dos patrocinadores na modalidade. No auge década de 1990, a saída do Inter (saiu na década de 1990, voltou em 1995 com parceria da Ulbra e 2002 encerrou oficialmente) contribuiu para a queda do esporte, porém acredita que o principal fator foi a questão financeira. Altas taxas, além do mercado inflacionado, então se criou uma crise para investir.

Como o entrevistado professor Carlos (Camarão) comenta, o Rio Grande do Sul assumiu um papel de protagonista. As empresas gaúchas investindo forte era uma “moda”, segundo ele. Na sua concepção era a chance de ser protagonista para aquela cidade do interior, então se pagava muito bem no Rio Grande do Sul e os melhores jogadores estavam jogando aqui. Para Camarão as empresas usam o futsal para ganhar a simpatia do público também. Com relação às localidades do interior, podemos ver até hoje exemplos como, em São Paulo, o Orlandia e, no Rio Grande do Sul, Carlos Barbosa. Esse fato ocorre com outros esportes, no próprio estado sul-rio-grandense, o basquete teve tradição em Santa Cruz, o vôlei atualmente em Canoas, antes em Bento Gonçalves.

Camarão alerta para as dificuldades de várias equipes se manterem após a mudança para a FIFA:

As taxas também pesaram bastante neste decréscimo de equipes. Elas tinham que ir para a CBFS com sede no Ceará, de lá para a CBF no Rio de Janeiro e depois para Zurique (Suíça) na FIFA. A volta de qualquer documento também. Então ficou quem tinha mais condições financeiras e, com esta entrada da FIFA e a eminente possibilidade de virar olímpico, muitas empresas começaram a olhar para o futsal (LOPES, 2014, p. 20)

Algo comum no discurso dos entrevistados foi quanto ao contexto da sociedade no momento da mudança do futebol de salão para o futsal. Eles relatam que tudo conspirava a favor para investir no esporte e o futsal era o esporte da moda. Como Léo Fraga comenta: “Naquela época não estava em recessão e a sociedade abraçou o futsal” (FRAGA, 2014, p. 31). A partir desta ideia, o senhor Tulio Casapicola enfatiza: “A mídia se interessou, e aí vem os patrocinadores, todos saem ganhando, uma coisa puxa a outra” (CASAPICCOLA, 2014, p. 27). Cocão cita que também percebeu de perto o marketing das empresas através do futsal: “Joguei

na Perdigão. Nós viajamos toda a Argentina para divulgar as carnes, jogávamos contra equipes de lá” (RECH, 2014, p. 14-15).

O entrevistado Léo Fraga comenta que certamente, além dos investimentos das empresas que estimularam o avanço do futsal no Rio Grande do Sul, o clima frio do estado ajudou o futsal a ganhar um espaço especial. Ainda salienta em seu depoimento: “[...] até hoje é o segundo esporte, vôlei tem em Canoas, o futsal tem em Carlos Barbosa, Lageado, Erechim, Venâncio Aires, Santa Cruz e assim vai” (FRAGA, 2014, p. 31-32).

Léo explica que na década de 1990 era o futsal logo depois do futebol, então o futsal era muito favorável para investimentos, pois dava retorno garantido. Na sua opinião, a “Enxuta soube muito bem aproveitar o detalhe na escrita da palavra já chamava atenção. Deu uma aula de marketing para todos e daí movimentou o futsal do Rio Grande do Sul” (FRAGA, 2014, p. 32).

Uma entrevista do jornal Futsal de novembro de 1989 com o senhor Paulo Triches, dono da empresa Enxuta, explicou mais a respeito desta proposta inovadora da Enxuta no Rio Grande do Sul. Estes são os principais trechos da entrevista:

O resultado do investimento feito superou as expectativas da empresa visto que hoje a equipe é mais conhecida do que os próprios produtos que a marca oferece”

“Melhor investir em próprio time da empresa que em clubes tradicionais, pois o nome da equipe sobrepõe-se ao da marca da empresa, sem contar que os próprios funcionários, atletas e torcedores irão divulgar o nome da empresa”. Ele foi vice-presidente da FIFUSA e conselheiro da CBFS. “Está dando certo, continuaremos a investir, se possível sempre, sem tempo determinado para parar, pois está funcionando”. Mensagem à classe empresarial do nosso estado:

“Por que somente a nossa empresa desenvolve este projeto de marketing no futsal? Será que não está sendo viável a nós, nem às outras empresas do país, que executam o mesmo? Estamos dispostos a colocar a nossa estrutura à disposição de quem quiser nos seguir, pois temos certeza, jamais irão arrepender-se.

No início, disse que a Federação Gaúcha resistiu a clubes empresas, mas viu os resultados e gostou. Só ver equipes como a Perdigão, Embraco, Sulfabril, Sadia.

O título da Enxuta em 1989 representando a seleção do Rio Grande do Sul no nacional de estados marcou mais um passo importante nesta ação de marketing, pois através dele voltaram-se os olhares do país para o futsal do Rio Grande do Sul. Como escreveu o reconhecido estudioso do futsal o professor Alexandre Zilles, conhecido como Barata na manchete de sua coluna do jornal Futsal, através do seguinte título: “RS cresce no cenário nacional” (FUTSAL, 1989, p. 03).

Segundo reportagem do jornal Zero Hora, percebe-se 1990 como um ano que marcou um movimento intenso de investimentos e atenção do futsal no Rio Grande do Sul. Pode-se analisar isto ao ver que apenas na primeira divisão (atual série ouro) do campeonato estadual daquele ano tínhamos 24 equipes de diferentes regiões do estado, sendo elas: Inter (Porto Alegre); Enxuta (Caxias do Sul); Pinheiro e Sercesa (Carazinho); Guarany (Espumoso), Russo Preto (Não-Me-Toque); Agrotap (Tapera); Milionários (Cruz Alta); Ser/Itaqui (Itaqui); 14 de Julho (Santana do Livramento); Olympia (Santo Ângelo); Santa Cruz (São Gabriel); Bolão Gaúcho (Canoas); Carlos Barbosa (Carlos Barbosa); Lagoense (Lagoa Vermelha); Perdigão (Marau); Ginástico (Santa Cruz do Sul); Trianon (Canguçu); AABB e Portuária (Rio Grande); Fragata (Santa Vitória do Palmar). Cabe lembrar que existia a segunda divisão estadual ainda com outras inúmeras equipes.

Ao olhar para a imprensa e para a sua relação com o futsal, é obrigatório mencionar o jornal “Futsal”. Assim como se citou algumas de suas reportagens ao longo deste trabalho, neste momento em que se aborda precisamente a imprensa, é válido mencionar que este periódico foi um grande marco e importante para a consolidação e divulgação do futebol de salão em um primeiro momento e depois do futsal. Como em uma sua segunda publicação em 1989 relata: “Falam que é um jornal da Federação Gaúcha, mas ele é independente, acontece devido ao apoio dos patrocinadores equipes” (FUTSAL, 1989, p. 02).

Os indícios indicam que o jornal Futsal iniciou em 1988 tem em vista que, logo após a sua primeira edição, acontece uma mudança nos responsáveis e ele fica um período sem novas edições, voltando em 1989. As mudanças envolveram a saída do

senhor Kiko Balestrin. Ele e o senhor Jorge Bandeira eram os responsáveis pela edição, depois ficou apenas o Bandeira. Além disso, o jornal contava com o trabalho do jornalista Francisco de Campos.

Ainda a respeito deste periódico, vale destacar que era um jornal específico para o futebol de salão e depois para o futsal. Jorge Bandeira, na edição de 1989, número 13, salienta que “há outros jornais sem dar muito espaço para o futsal, por isso é necessário preencher este buraco e satisfazer nosso salonistas” (FUTSAL, 1989, p. 06).

Ilustração 12 – Charge do Jornal Futsal



Fonte: Jornal Futsal

O jornal começou com tiragem de cinco mil cópias e logo passou para dez mil cópias. Além do mais, aumentou o preço, o que comprova a sua boa aceitação.

O jornal Futsal tinha colunistas, charges, colunas intituladas: “Você sabia?”, “Velhos Tempos”, “Pontos Positivos e Negativos”, “bolsa dos atletas”, “Quem é?” e reportagens com personagens do esporte. Em decorrência disso, logo alcançou destaque e conseguiu circulação nacional. Declaração de 1989: “Devido ao alto custo para elaboração do Jornal Futsal, este ano não haverá distribuição gratuita nos ginásios. Portanto, se você quiser ficar bem informado sobre o futebol de salão faça assinatura por apenas NCz 63,00 e você sempre estará atualizado sobre nosso salonismo”, escreveu o jornalista Francisco de Campos.

Certamente o jornal “Futsal” contribuiu para o avanço da modalidade. Contudo, outro marco foi à aproximação do esporte com a televisão. O mês de maio de 1988 é apontado como o período em que iniciaram as transmissões, como pode-se observar na reportagem do Jornal Futsal de junho de 1988:

Há pouco mais de um mês a TV Guaíba começou a televisionar jogos de futebol de salão. O acerto envolveu a Federação, a Diffusion, através de seu proprietário Prisco Palumbo, e a TV2. Todas as terças, direto do Teresópolis Tênis Clube às 21 horas, é transmitido um jogo do campeonato Citadino de Porto Alegre.

Esta ideia veio a preencher mais um espaço que faltava para divulgar nosso esporte, já que, sabidamente o futebol de salão cresce dia-a-dia e as empresas têm investido nos clubes com retorno assegurado. Mas, por enquanto, verificando a aceitação do público os jogos têm sido só da capital. E se for boa a aceitação, por que não transmitir do interior? As empresas certamente apoiarão partidas em Caxias, Pelotas, Santa Maria e demais cidades que tanto lutam por resultados significativos.

Os clubes têm o direito a opinar. Temos que criar meios para que o futebol de salão se firme a ponto de se tornar um esporte olímpico. (FUTSAL, 1988, p. 03).

Ilustração 13 – Manchete do Jornal Futsal



Fonte: Jornal Futsal

O senhor Paraguassú lembra que em 1994 o presidente Léo Fraga tentou uma aproximação junto à imprensa, enviando as escalas de árbitro e televisão para transmitir as finais e mostrar os gols da rodada. Neste mesmo ano, ocorreu o primeiro estadual de futsal feminino, com o selo da federação. Contudo, as equipes já haviam se organizado. Assim, em 1995, a Federação Gaúcha assumiu de fato a organização da competição estadual de futsal feminino.

Ainda a respeito da imprensa, cabe lembrar que em 1990 se cria a primeira divisão o que parece o auge do futsal e de sua organização. A imprensa ressalta que o melhor ano de divulgação até então foi este. Pois, além dos jornais da capital e do interior, tinha rádios como a Gazeta e Pampa além da TV2 Guaíba transmitindo jogos e a TV educativa fazendo frequentes entrevistas com personagens do futsal. Inclusive, no âmbito nacional, a TV Manchete dava um espaço para o futsal.

Ilustração 14 – Dirigentes da FGFS Conversando com a Imprensa em 1956



Fonte: Acervo Particular de Tulio Casapiccola

Paulo Veck alerta que existiu um conflito entre a televisão e patrocinadores: “A televisão não falava o nome do patrocinador que não pagava. Então, a equipe na transmissão era chamada pelo nome da cidade, por exemplo John Deere era falado Horizontina, em Santa Catarina a Malween era Jaraguá” (VECK, 2014, p. 22).

Isto certamente afetou o interesse dos patrocinadores em investir na modalidade. Léo Fraga salienta que a televisão pedia para que não demorassem em qualquer paralização que viesse a acontecer no jogo. Esse fato vai ao encontro desta ideia de algo dinâmico o qual FIFA buscava tornar com as mudanças das regras.

Léo também comenta um regresso que houve das transmissões de futsal feitas pela televisão aberta pelas feitas por assinatura:

Em 2010 ou 2011, romperam com a RBS e foram para Record tentando melhores condições. Esta transmitiu apenas uns dois jogos e, quando retornaram para negociar com a RBS, acabou ficando este retrato atual com a TVcom. Se perdeu o espaço na televisão aberta, assim tivemos um retrocesso (FRAGA, 2014, p. 34).

Ao se falar das transmissões de televisão, é necessário observar um maior interesse de empresas em associar suas marcas ao futsal. Ao se falar a respeito de investimentos e empresas, a equipe da Enxuta de Caxias do Sul “revolucionou” o cenário do Rio Grande do Sul, segundo as palavras dos entrevistados e os jornais da época.

O papel desenvolvido pela equipe da Enxuta não contribuiu apenas no sentido de investimentos e maior espaço na mídia, mas também, através das suas conquistas, contribuiu para que o nível do futsal se elevasse no Rio Grande do Sul. Pois, as demais equipes não queriam ficar para trás nas disputas. Isto fez o Rio Grande do Sul alcançar um reconhecimento como uma potência do futsal.

Além da Enxuta, outras equipes contribuíram e ainda contribuem para o estado manter esta força no esporte: as conquistas do *Sport Club* Internacional de Porto Alegre, principalmente na década de 1990, mais recentemente com o Clube Esportivo e Recreativo Atlântico, de Erechim, e a Associação Carlos Barbosa de Futsal (ACBF), da cidade de Carlos Barbosa. Cidade essa que é conhecida como a capital mundial do futsal visto que, em 2012, foi a sede do campeonato mundial de clubes de futsal, onde a ACBF sagrou-se bicampeã. O estado também é muito conhecido por formar vários jogadores, técnicos e dirigentes para a seleção brasileira, outras equipes e seleções do mundo.

Quanto a essa tradição em sediar eventos importantes, sabe-se que para um local ser escolhido como sede de algum evento esportivo, geralmente é porque aquele esporte tem um contexto favorável com apreciadores, tendo história no local com aquele esporte em questão. Desse modo, equipes representativas, um lugar onde aquele esporte esteja consolidado e desperte interesse.

Assim, cita-se o primeiro mundial de clubes de futsal, sediado em Porto Alegre, em 1996, onde a equipe do *Sport Club* Internacional, da cidade sede, venceu a equipe do Barcelona, da Espanha, na final. Destaca-se que a tradição segue tão presente ainda que, além desse grande evento em 2012 em Carlos Barbosa, foi

realizada a Copa Intercontinental de futsal, equivalente ao mundial de clubes da modalidade na qual a Associação Carlos Barbosa de Futsal (ACBF) consagrou-se bicampeã mundial.

Outro evento importante aconteceu em 2014 no município de Erechim. Trata-se da Copa Libertadores de futsal, onde jogaram os campeões de cada país da América do Sul. Competição vencida pelo Clube Atlântico, de Erechim. Algo relevante é observar que, ao longo da história, são em cidades diferentes do Rio Grande do Sul estes eventos e equipes de destaque, mostrando essa difusão e consolidação que tanto o futebol de salão quanto o futsal alcançou no estado. Além disto, nota-se a tradição que o futsal continua tendo no Rio Grande do Sul ao analisar as conquistas expressivas das equipes sul-rio-grandenses, como por exemplo, nestas competições citadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre como se sucedeu a implantação e o estabelecimento do futsal no Rio Grande do Sul revelou que o futsal em relação ao futebol de salão obteve uma maior atenção de patrocinadores e da imprensa, incluindo o espaço televisivo. Além disto, percebe-se que houve uma maior internacionalização da modalidade através da FIFA.

Entretanto, neste processo, algumas equipes acabaram encerrando suas atividades por não conseguirem se adequar as mudanças, o que também pode ter causado uma perda de identidade do esporte. Ao longo desta transição, outros dois aspectos observados foram a “espetacularização” das regras originais do futebol de salão e os interesses mercantis da FIFA no processo de criação do futsal.

Entre outras questões apontadas no trabalho, pode-se destacar: a maneira como começou a se organizar e institucionalizar; a atuação da Federação Gaúcha de Futebol de Salão (FGFS) e os personagens que atuaram à sua frente e participaram ativamente do processo de consolidação e difusão do futebol de salão no estado, revelando-se muito rápido esse processo; também se comentou quanto a fatores que talvez tenham influenciado a propagação e representatividade do futebol de salão no Rio Grande do Sul.

Ainda a respeito das informações do trabalho, proporcionou elementos para entender a diferença do futebol de salão e do futsal. Assim, esclarecendo que houve uma espécie de “substituição” do futebol de salão pelo futsal, ambos ainda existem e não são a mesma modalidade. Na Colômbia, por exemplo, se tem um retrato distinto do Brasil. Lá o futebol de salão é bastante praticado pela população, tanto que sua seleção nacional é a atual campeã mundial da modalidade. Já o Brasil é o maior vencedor de copas do mundo da FIFA de futsal, sendo que, das sete edições, ganhou cinco, sendo o atual campeão da modalidade.

Ainda quanto às considerações do que foi pesquisado, percebe-se que foi devido aos interesses da FIFA que nasceu o futsal. Inclusive, pode-se ir mais além e dizer que, certamente, envolvendo interesses comerciais, pois nas duas hipóteses isto é o fator primordial. Tanto na primeira possibilidade que seria visando desacelerar o crescimento do futebol de salão e assim não ver riscos em seus ganhos no futebol quanto na segunda possibilidade que seria lucrar através do

potencial que o futebol de salão apresentava, poderia ser maior com a criação do futsal e da sua gerência na modalidade.

Outra consideração é que o próprio futebol de salão no final da década de 1980 já sofria mudanças visando uma “espetacularização” do jogo. Porém, a FIFA ao criar o futsal, este processo foi acelerado, parecendo que o futsal é fruto de uma espetacularização do futebol de salão. Lembrando que esta espetacularização consistia em tornar a prática mais dinâmica e atraente para o público, ou seja, um produto melhor para se vender.

Um aspecto interessante ao se falar deste processo no Rio Grande do Sul é que o estado já possuía forte tradição no futebol de salão. Dessa forma, certamente a tradição do futebol de salão sul-rio-grandense contribuiu para aceitação e desenvolvimento do futsal no cenário esportivo deste estado. O alto investimento dos patrocinadores nas equipes do Rio Grande do Sul no final da década de 1980, ainda no futebol de salão, contribuiu para o estado se tornar uma referência na modalidade, o que influenciou positivamente o desenvolvimento do futsal no mesmo, sendo até hoje conquistados resultados expressivos por suas equipes.

Ao citar o cenário sul-rio-grandense ao final da década de 1980, algo importante a se observar é que o futebol de salão vinha ganhando cada vez mais espaço nas mídias (jornais, rádios e televisão). Esta situação também estava estimulando um maior interesse de investidores na modalidade.

A mudança para a FIFA e o futsal, além da eminente possibilidade de ser aclamado esporte olímpico, sugere que esta transição fez aumentar ainda mais o interesse tanto do público quanto da imprensa e empresas. Tanto que através dos depoimentos dos entrevistados quanto nos jornais se percebe que o ano de 1990 ficou como marco desde outro nível de profissionalização do esporte. Pois, além de os atletas treinarem integralmente, fato que já havia iniciado anteriormente no futebol de salão, nota-se uma ampliação em termos de espaço na imprensa, destacando-se a contribuição da televisão além dos jornais e rádios.

Outra característica desta fase considerada como o ápice do futsal foi o maior interesse de patrocinadores inclusive construindo um viés comercial significativo como, por exemplo, propagandas em redes nacionais de televisão com modelos de tênis com o nome de jogadores de futsal. Como as fontes revelaram, o momento conspirava a favor de investir no futsal. Além de ser considerado o segundo esporte em termos de atenção do público, atrás somente do futebol no estado, a modalidade

mostrava-se uma ferramenta eficaz para o marketing. O principal modelo e que também provocou grandes avanços na modalidade no Rio Grande do Sul foi a equipe da Enxuta de Caxias do Sul.

Quanto à Enxuta, cabe destacar que proporcionou uma verdadeira profissionalização do futsal, mesmo sendo iniciado o processo de treinamento integral no final da década de 1980, ainda quando se praticava o futebol de salão. O pioneirismo da Enxuta no Rio Grande do Sul estimulou outras equipes a se fortalecer.

A própria Federação Gaúcha de Futebol de Salão se reorganizou para não ficar atrás dos avanços e, através desse cenário, a imprensa destinou maior cobertura ao futsal, incluindo o espaço televisivo. Dessa forma, o futsal iniciou a partir de uma base já construída no futebol de salão e através dela conseguiu desenvolver seu meio (imprensa, patrocinadores e profissionais) rapidamente.

Ao longo deste processo da transição do futebol de salão para o futsal no Rio Grande do Sul, notam-se pontos positivos e negativos. Entre os positivos, a internacionalização do futsal, uma maior visibilidade, sendo que a marca FIFA parece realmente ter atraído mais interesse da imprensa e, atrelado a isto, de investidores.

As mudanças de regras que podemos considerar que foram norteadas por um pensamento de “espetacularização” são questionáveis por muitos envolvidos neste processo de transição do futebol de salão. Alguns acham que foi melhor para o esporte para assim se “vender” melhor e já outros criticam as mudanças argumentando uma perda de identidade da modalidade. Como negativos viu-se a exclusão de muitas equipes por não atenderem os padrões exigidos pela FIFA, principalmente no que se refere ao tamanho da quadra. Além de talvez o principal ponto comentado: o fato de não ser um esporte olímpico e nem se ter uma perspectiva para se tornar.

Ao longo deste debate da transição, parece que externamente foi boa a mudança da CBFS da FIFUSA para a FIFA e consequente prática do futsal. No entanto, internamente parece ter havido regressões principalmente no que tange a essência do esporte, sendo feita a comparação por personagens que vivenciaram o futebol de salão e após o futsal.

Desse modo, fica claro que as histórias do futebol de salão e do futsal possuem uma forte ligação, porém são esportes diferentes. Importante ter essa

noção para compreender este cenário atual do futebol de salão, onde a seleção brasileira da modalidade é representada por amadores, devido a essa realidade de quase inexistência do futebol de salão. Sendo que sua entidade vem tentando divulgá-lo e, assim, projetando um futuro melhor para o futebol de salão.

O futsal segue sob a tutela da FIFA e com cada vez mais praticantes no Brasil. Certamente sua dinâmica de jogar principalmente com os pés e proporcionar a marcação de gols (semelhante a do futebol), além da falta de espaços para os campos de futebol e aumento de quadras poliesportivas contribuiu para isto. A análise das informações e reflexão a respeito da história do futsal e desta transição proporcionaram a constatação de que o esporte não é olímpico devido a interesses políticos. Portanto, cabe deixar claro que a modalidade, mesmo não sendo olímpica, encanta a muitos e continuará a encantar, porém, que a torcida do sonho olímpico jamais morrerá é uma certeza.

A pesquisa também possibilita estudos comparativos do desenvolvimento do futsal em nível regional e nacional e até mesmo de outros esportes. Cabe salientar a importância de estudos como esse para a preservação da memória esportiva do Brasil e, como no caso deste estudo particularmente, a do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História oral e a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALBERTI, V. **História dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010

AMARO JÚNIOR, J. (org.). **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. 5º ano. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1945.

BACELLAR, C. **Uso e mau uso dos arquivos**. In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70 LDA, 2000.

BARROS, J. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BARROS, J. **O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BASSO, E. **Entrevista**. Concedida à Paulo Renato Vicari. 17 de novembro. 2014. Transcrição: Paulo Renato Vicari.

BOOTH, Douglas. **História do Esporte: Abordagens em Mutação**. Revista Recorde: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v.4, n.1, junho, 2011.

BOOTH, Douglas. **The Field: truth and fiction in sport history**. New York: Routledge, 2005.

BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo?**. In: Bordieu, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro. Marco Zero, 1983.

_____. **Programa para uma sociologia do esporte**. In Bordieu, P. Coisas ditas. São Paulo. Brasiliense, 1990.

BURKE, P. **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. 1ª Ed. UNESP. São Paulo, 1992.

BRITO, P.; BRUSCATO, R. **Futsal Gaúcho**. Porto Alegre: Independente, 1995.

CARVALHO, S.; PIBER, G. **A História do Futsal de Santa Maria, RS: 1956 a 1970**. Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre, 2004. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/115615215319228537555838167523851487064.pdf>

CASAPICCOLA, T. **Entrevista**. Concedida à Paulo Renato Vicari. 19 de outubro. 2014. Transcrição: Paulo Renato Vicari.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CONGRESSO da FIFUSA não aprova Unificação. **FUTSAL**. Porto Alegre, 1989, nº 11, p. 05.

DELGADO, L.; FERREIRA, M. **História do Tempo Presente**. Rio de Janeiro: FGV Editora. 2014.

DEL PRIORE, M.; MELO, V. **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DILASCIO, F. **Em meio à crise da CBFS, movimento tenta resgatar o “futsal à moda antiga”**.

Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/eventos/futsal/noticia/2014/04/em-meio-crise-da-cbfs-movimento-tenta-resgatar-o-futsal-moda-antiga.html>

EDUCAÇÃO PHYSICA. **Revista Technica de Esportes e Atletismo**. São Paulo: Cia. Brasil, 1936, nº 06.

ENTREVISTA com Paulo Triches. **FUTSAL**. Porto Alegre, novembro, 1989, nº 15, p. 04.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL DE SALÃO. **Régra Oficial do Futebol de Salão**. Primeiro Boletim Técnico da Federação Gaúcha de Futebol de Salão. Porto Alegre: editado por CASA SPORT, 1956.

FIGUEIRÊDO, V. **A história do futebol de salão: origem, evolução e estatísticas**. Fortaleza: IOCE, 1996.

FIGUEIREDO, P. **Entrevista**. Concedida à Paulo Renato Vicari. 05 de novembro. 2014. Transcrição: Paulo Renato Vicari.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. – 2. ed. – Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, G. **Futsal- Metodologia de Ensino**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

FONSECA, G. **A história do futebol de salão em Caxias do Sul (1962-1996)**. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano). Programa Interinstitucional UFRGS e UCS, 2000.

FONSECA, G. Reflexões sobre a pesquisa histórica: a questão das fontes. **Revista Perfil**. Ano IV, n. 4, 2000.

FRAGA, L. **Entrevista**. Concedida à Paulo Renato Vicari. 26 de outubro. 2014. Transcrição: Paulo Renato Vicari.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record – the nature of modern sport**. New York, Columbia University Press, 1978.

HALBWACKS.M. **Les cadres sociaux de la mémoire [1925]**. Trad. Albin Michel, Paris, 1994.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOPES, C. **Entrevista**. Concedida à Paulo Renato Vicari. 22 de novembro. 2014. Transcrição: Paulo Renato Vicari.

LUCENA, R. **Futsal e a iniciação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

MACHADO, E. **História do tempo presente: um desafio possível**. Universidade Federal do Piauí, 2010.

MARCHI JÚNIOR, W. **“Sacando” o Voleibol: do amadorismo a espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)**. Tese de Doutorado em Educação Física. Campinas: Unicamp, 2001.

MARTINS, D. **Entrevista**. Concedida à Paulo Renato Vicari. 20 de novembro. 2014. Transcrição: Paulo Renato Vicari.

MAZO, J. **A emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira**. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto). Universidade do Porto, Portugal, 2003.

MELO, V. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil- Panoramas e Perspectivas**. São Paulo: Ibrasa, 1999.

MELO, V; FORTES, R. **HISTÓRIA DO ESPORTE: PANORAMA E PERSPECTIVAS**. Revista Fronteiras. Dourados, MS. V. 12, n. 22, p. 11-35, jul/dez 2010.

MINISTÉRIO do Esporte. [homepage na Internet]. Brasília: Brasil. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/cen/detalhesEntidades.do;jsessionid=AEBCB284B4B745C57CC3BF0DAC296ED5?idEntidade=78>>. Acesso em: 15 Abr. 2015.

NUZMAN, C. **O Marketing esportivo e a aliança com a televisão**. Vôlei Técnico, Rio de Janeiro, CBV, ano 2, nº6, 1996.

ORTIZ, L. **Entrevista**. Concedida à Paulo Renato Vicari. 08 de novembro. 2014. Transcrição: Paulo Renato Vicari.

PESAVENTO, S. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINHEIRO, L. **Entrevista**. Concedida à Paulo Renato Vicari. 12 de outubro. 2014. Transcrição: Paulo Renato Vicari.

PRONI, M. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Tese de doutorado em Educação Física. Campinas: Unicamp, 1998.

PRONI, M.; LUCENA, R. **Esporte história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

RECH, J. **Entrevista**. Concedida à Paulo Renato Vicari. 13 de novembro. 2014. Transcrição: Paulo Renato Vicari.

SÁNCHEZ, J. **Fútbol Sala: técnica y táctica**. Barcelona: Hispano Europea. Ed. 2, 1985.

SOUZA, J. **O Xadrez em Xequê- Uma Análise Sociológica da “História Esportiva” da Modalidade**. Dissertação de mestrado em Educação Física. Curitiba: UFPR, 2010.

TEIXEIRA, J. **Futebol de Salão- uma nova visão pedagógica**. Porto Alegre: Sagra, 1990.

TEIXEIRA, J. **Futsal 2000- o esporte do novo milênio**. Porto Alegre: Editora Gráfica Metrópole. Ed.1, 1996

TOLUSI, F. **Futebol de Salão: Tática, Regra e História**. São Paulo: Brasipal, 1982.

TRIVIÑOS. A. Dialética e pesquisa em ciências sociais. In: MOLINA, V; TRIVIÑOS. A. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas** (Org.) Porto Alegre: Editora da UFRGS / Sulina, 2004.

UNIÃO FIFA/FIFUSA. **FUTSAL**, Porto Alegre, outubro 1988, nº 2, p. 03.

VAMPLEW, Wray. **História do esporte no cenário internacional: visão geral**. Revista Tempo. Rio de Janeiro. V. 19, N. 34, p. 5-7, jan/jun, 2013.

VEECK, P. **Entrevista**. Concedida à Paulo Renato Vicari. 02 de novembro. 2014. Transcrição: Paulo Renato Vicari.

VIEIRA, S.; FREITAS, A.; **O QUE É FUTSAL? História, Regras e Curiosidades**. São Paulo: Casa da Palavra, 2009.

VICARI, P. **Futebol de Salão no Rio Grande do Sul: Apontamentos Históricos Sobre o Esporte**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2014.

VOSER, R. **Análise das intervenções pedagógicas em programas de iniciação ao futsal**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). UFRGS, 1998.

VOSER. R. **Futsal: Princípios técnicos e Táticos**. Canoas: Editora da ULBRA, 2003.

APÊNCIDE A
ROTEIRO DE ENTREVISTA

Pesquisa:

Entrevistado:

Formação:

Nascimento:

Local da Entrevista:

Fone:

Entrevistador: Paulo Renato Vicari

Data da entrevista:

- 1) Pode falar um pouco de sua trajetória no futebol de salão e no futsal?
- 2) Como ocorreu a transição do futebol de salão para o futsal?
- 3) O que destacaria de vantagens e desvantagens deste processo?
- 4) Ainda quanto a estas mudanças, o que ressalta a respeito das regras, das dimensões da quadra e dos números de clubes e competições?
- 5) Como recebeu esta mudança? Algo imposto de “cima para baixo”?
- 6) Por que acha que ela aconteceu? Interesses? Houve “exclusões” de quem não conseguiu se adaptar?
- 7) Acredita que era necessário “reinventar o futebol de salão”?
- 8) Considera o futebol de salão e/ou futsal como esportes de distinção social? Atletas e demais envolvidos possuem determinado nível social (algo relacionado à origem do futebol de salão nos clubes sociais)? Comparação com o futebol.
- 9) Para o futebol de salão foi vantajoso o processo?

- 10) O que destacaria do processo de profissionalização? Já teria começado no Futebol de salão?
- 11) Como avalia as estratégias dos clubes/empresas e bancos (ausência de categorias de base e feminino)? E funcionamento com os patrocinadores (metas, renovações)?
- 12) Qual a sua opinião a respeito da influência dos clubes de futebol no futebol de salão e no futsal? Vantagens? Desvantagens? Caso da dupla Grenal.
- 13) Como tem avaliado as mudanças nas regras do futsal? Acredita em uma busca de “espetacularização” do esporte? Influência da TV?
- 14) E as ações de marketing? Lembra de exemplos ao longo da sua trajetória (tênis Morruga, material oficial FGFS, propaganda jornais)?
- 15) E quanto à transmissão e o espaço na televisão? Comparando com cenário atual.
- 16) Quanto à questão do futsal não ser olímpico, o que pensa? E do Brasil ser o único país no mundo em que a Confederação de futsal não está vinculada à do futebol?
- 17) Gostaria de acrescentar algo? Alguma sugestão de contato e material?

APÊNDICE B

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PESQUISADOR

Prezados,

O aluno Paulo Renato Vicari da Escola de Educação Física da UFRGS está realizando uma pesquisa com o objetivo de compreender como se sucedeu a prática do futsal no Rio Grande do Sul, desde a implantação até o estabelecimento do esporte com indícios de profissionalização. Para isto, ele precisa obter informações de fontes documentais, impressas e imagéticas, que são encontradas em livros, álbuns comemorativos, revistas, entre outros documentos.

Por acreditarmos que a referida instituição possa nos fornecer materiais que possuam tais informações que levem ao objetivo desta pesquisa, gostaríamos de solicitar que permitissem o acesso do aluno Paulo a estes materiais. Também gostaríamos de solicitar que ele pudesse fotografar ou fotocopiar os materiais para posteriormente fazer a análise das informações encontradas nos mesmos. Estas informações coletadas serão utilizadas apenas para fins de pesquisa.

A instituição se eximirá de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso haja perguntas posteriores sobre esta pesquisa e sobre o pesquisador, a professora Janice Zarpellon Mazo, orientadora do estudo, estará à disposição nos telefones (51) 33883031 ou (51) 99579428, ou maiores informações através do contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 316.3629 ou fax (51) 316.4085.

Declaramos estarmos cientes desta pesquisa e aceitamos colaborar com as condições solicitadas pelo pesquisador nesta carta de apresentação, que receberemos uma cópia.

.....
Assinatura do Responsável
pela Instituição e data/local

.....
Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado, como voluntário, a participar desta pesquisa, por se enquadrar no perfil necessário para que a mesma se realize. O objetivo deste estudo é compreender como se sucedeu a prática do futsal no Rio Grande do Sul, desde a implantação até o estabelecimento do esporte com indícios de profissionalização.

Sua participação é muito importante para que possamos construir informações necessárias para nossos estudos a partir da visão de quem vivenciou o campo do esporte sul-rio-grandense no período estudado.

Cabe ressaltar que não existirão riscos de exposição a partir da sua entrevista. O pesquisador envolvido neste estudo tratará sua identidade com padrões éticos de sigilo, se assim for seu desejo. Assim, seus dados serão confidenciais.

Os participantes somente serão identificados em publicações que possam resultar deste estudo, caso os mesmos autorizem. As gravações de áudio e vídeo geradas a partir das entrevistas serão encaminhadas ao arquivo do “Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física” (NEHME), localizado na sala 106F do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX) da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Você é livre para recusar sua participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar do estudo não acarretará em qualquer penalidade ou perda de bens, pois todos os procedimentos da entrevista serão fornecidos gratuitamente. Não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo autor através do telefone: (51) 99532433 ou através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 316.3629 ou fax (51) 316.4085.

APÊNDICE D**DECLARAÇÃO DO ENTREVISTADO**

Eu, _____,
portador do CPF número _____ fui informado dos objetivos da pesquisa acima, de maneira clara e detalhada, tendo tempo para ler e pensar sobre a informação contida no Termo de Consentimento antes de participar do estudo. Recebi informação a respeito dos procedimentos de avaliação realizados, esclareci minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo.

Além disso, sei que terei a liberdade de retirar meu consentimento de participar da pesquisa frente a estas informações. Os pesquisadores certificaram-me também de que todos os dados dessa pesquisa serão confidenciais. Fui informado que, caso existirem danos à minha imagem causados diretamente pela pesquisa, terei direito à indenização conforme estabelece a lei.

Concordo que as gravações dos depoimentos sejam encaminhadas para o arquivo do “Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física” (NEHME), localizado na sala 106F do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX) da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também sei que sou eximido de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso tiver novas perguntas sobre este, Paulo Renato Vicari, pesquisador responsável pelo estudo, estará à disposição no telefone (51) 99532433 e também para qualquer pergunta sobre meus direitos como participante desse estudo, ou através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 316.3629 ou fax (51) 316.4085.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

.....

Assinatura do Entrevistado e data/local

.....

Assinatura do Pesquisador

APÊNCIDE E

QUADRO DOS CAMPEÕES ESTADUAIS

ANO	CIDADE DA FINAL	CAMPEÃO	VICE-CAMPEÃO
1957	Sta. Cruz do Sul	Corinthians (Santa Cruz)	Sete de Setembro (Alegrete)
1958	Sta. Cruz do sul	Cruzeiro (Porto Alegre)	Sete de Setembro (Alegrete)
1959	Alegrete	Cruzeiro (Porto Alegre)	Sete de Setembro (Alegrete)
1960	Pelotas	Sete de Setembro (Alegrete)	Petróple (Porto Alegre)
1961	Alegrete	Pelotas (Pelotas)	Juventude (Uruguaiana)
1962	Pelotas	Paulista (Pelotas)	GN Gaúcho (Porto Alegre)
1963	Uruguaiana	Brasil (Pelotas)	Juventude (Uruguaiana)
1964	Porto Alegre	Capingui(Passo Fundo)	Guarany (Bagé) Piratas (Porto Alegre)
1965	Pelotas	Juventude (Uruguaiana)	Torino (Caxias do Sul)
1966	Rio Grande	Brasil (Pelotas)	Juventude (Uruguaiana)
1967	Pelotas	Brasil (Pelotas)	América (Erechim)
1968	Zonas	Brasil (Pelotas)	Figueiras (Pelotas)

1969	Rio Grande	Brasil (Pelotas)	Wallig (Porto Alegre) SERCESA (Carazinho)
1970	Diversas	Cruzeiro (Porto Alegre)	Brasil (Pelotas)
1971	Porto Alegre	Wallig (Porto Alegre)	SERCESA (Carazinho)
1972	Porto Alegre	Wallig (Porto Alegre)	Juventude (Caxias do Sul)
1973	S. Leopoldo/POA	Wallig (Porto Alegre)	Sociedade Ginástica (São Leopoldo)
1974	Diversas	Bossa Nova (Rio Grande)	Petrópolis (Porto Alegre)
1975	Pelotas	APE (Pelotas)	Bossa Nova (Rio Grande)
1976	Cidade não identificada	Internacional (Porto Alegre)	Bagé (Bagé)
1977	Pelotas	Internacional (Porto Alegre)	APE (Pelotas)
1978	Porto Alegre	Internacional (Porto Alegre)	Sociedade Gondoleiros (Porto Alegre)
1979	Diversas	Sociedade Gondoleiros (Porto Alegre)	Internacional (Porto Alegre)
1980	Carazinho	Internacional (Porto Alegre)	Ipiranga (Rio Grande)
1981	Sta. Rosa	Associação La Salle (Canoa)	Ipiranga (Rio Grande)
1982	Lagoa Vermelha	Associação La Salle (Canoa)	Comapa (Caxias do Sul)
1983	Ijuí	Caixa Econômica Estadual (Porto Alegre)	Olympia(Santo Ângelo)

1984	Diversas	Caixa Econômica Estadual (Porto Alegre)	Navegantes (Jaguarão)
1985	Santo Ângelo	Olympia(Santo Ângelo)	Tamoyo (Santo Angelo)
1986	Carazinho	Triches (Caxias do Sul)	Grêmio (porto Alegre)
1987	Crua Alta	Enxuta (Caxias do Sul)	Grêmio (porto Alegre)
1988	Santa Maria	Enxuta (Caxias do Sul)	Internacional (Porto Alegre)
1989	Caxias do Sul	Internacional (Porto Alegre)	Enxuta (Caxias do Sul)
1990	Santo Ângelo	Internacional (Porto Alegre)	Enxuta (Caxias do Sul)
1991	Diversas	Itaqui (Itaqui)	Perdigão (Marau)
1992	Diversas	Perdigão (Marau)	Itaqui (Itaqui)
1993	Diversas	Enxuta (Caxias do Sul)	Itaqui (Itaqui)
1994	Caxias do Sul	Enxuta (Caxias do Sul)	Perdigão (Marau)
1995	Caxias do Sul	Enxuta (Caxias do Sul)	Lagoense (lagoa Vermelha)
1996	Carlos Barbosa	ACBF (Carlos Barbosa)	Internacional (Porto Alegre)
1997	Porto Alegre	ACBF (Carlos Barbosa)	Internacional (Porto Alegre)
1998	Porto Alegre	Internacional (Porto Alegre)	ULBRA (Canoas)

1999	Carlos Barbosa	ACBF (Carlos Barbosa)	UPF (Passo Fundo)
2000	Porto Alegre	Internacional (Porto Alegre)	UPF (Passo Fundo)
2001	Canoas	ULBRA (Canoas)	ACBF (Carlos Barbosa)
2002	Carlos Barbosa	ACBF (Carlos Barbosa)	UCS (Caxias do Sul)
2003	Canoas	ULBRA (Canoas)	UPF (Passo Fundo)
2004	Carlos Barbosa	ACBF (Carlos Barbosa)	ADFUCS (Caxias do Sul)
2005	Horizontina	John Deere (Horizontina)	ACBF (Carlos Barbosa)
2006	Horizontina	John Deere (Horizontina)	ACBF (Carlos Barbosa)
2007	Horizontina	John Deere (Horizontina)	UCS (Caxias do Sul)
2008	Carlos Barbosa	ACBF (Carlos Barbosa)	Atlântico (Erechim)
2009	Carlos Barbosa	ACBF (Carlos Barbosa)	Assoeva (Venâncio Aires)
2010	Carlos Barbosa	ACBF (Carlos Barbosa)	Assoeva (Venâncio Aires)
2011	Carlos Barbosa	Atlântico (Erechim)	ACBF (Carlos Barbosa)
2012	Erechim	ACBF (Carlos Barbosa)	Atlântico (Erechim)
2013	Carlos Barbosa	ACBF (Carlos Barbosa)	Atlântico (Erechim)
2014	Erechim	Atlântico (Erechim)	Assoeva (Venâncio Aires)

APÊNDICE F

QUADRO DOS PRESIDENTES DA FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL DE SALÃO

Nº	PERÍODO	PRESIDENTE
1	1956	Daniel Alves de Oliveira
2	1957/58	Walnyr Goulart Jacques
3	1959/60	Oswaldo J. Caputo
4	1961/1962	Abrahão Bruno Pinheiro
5	1963/1964	Fernando A.C. Martins
6	1965/76	Sérgio Guedes Gishkow
7	1977/81	Esperidião Lopes Azambuja
8	1982	Euribíades Benitez
9	1983/85	Esperidião Lopes Azambuja
10	1986/91	Tulio Casapicola
11	1992/93	Euribíades Benitez
12	1994/2010	Léo Evandro Tubino Fraga
13	2011-	Dárcio da Silva Castro